



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TÂNIA MARIA LIMA ABREU

**A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA E SEUS EFEITOS DE
FORMAÇÃO NA ESCOLA DE LACAN**

**SALVADOR
2023**

TÂNIA MARIA LIMA ABREU

**A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA E SEUS EFEITOS DE
FORMAÇÃO NA ESCOLA DE LACAN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para o título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia de Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Contextos de desenvolvimento, clínica e saúde

Orientadora: Denise Maria Barreto Coutinho

SALVADOR
2023

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A162 Abreu, Tânia Maria Lima
Maria A experiência analítica e seus efeitos de formação na Escola de Lacan / Tânia

Lima Abreu, 2023.
87 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Maria Barreto Coutinho
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia,
Salvador,
2023.

1. Psicanálise. 2. Psicanálise infantil. 3. Ensino. 4. Escola Lacaniana de
Psicanálise.
I. Coutinho, Denise Maria Barreto. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de
Psicologia. III. Título.

CDD: 616.89

TERMO DE APROVAÇÃO

A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA E SEUS EFEITOS DE FORMAÇÃO NA ESCOLA DE LACAN

Tânia Maria Lima Abreu

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Analícea de Souza Calmon Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Cleide Pereira Monteiro

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Luis Francisco Espíndola Camargo

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof. Dr. Marcelo Frederico Augusto dos Santos Veras

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 11 de setembro de 2023.

Dou fé.



Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho

A Silvana Sarno (*in memoriam*)
Minha “amiga-chama” que continua brilhando...

AGRADECENDO

Decidi escrever meus agradecimentos no gerúndio, pois creio que este tempo verbal é o mais próximo do sentimento que me toma ao ter que dizer meus muitos “muito obrigada”.

À minha querida Denise que, além de uma orientadora, foi uma grande parceira desta aposta que foi para mim fazer o Doutorado. Temos muitas afinidades que só foram estreitadas. Por mais que eu roce as palavras não conseguirei encontrar o bom tom do meu “muito obrigada” para ela.

Ao meu marido e eterno namorado, Cesar Meira, por sua enorme paciência comigo e amoroso incentivo.

Aos meus filhos, Victor e Iuri, meus eternos garotos, por suas contribuições diretas e indiretas ao meu desejo.

A Patrick Almeida pelas enormes ajudas no Doutorado-Sanduíche e nas idas a Paris para fazer minha análise. Um amigo sem dia e hora para me apoiar!

A Nayahra Reis, a doce Caliandra Almeida, Lu Castilho, Camila Popadiuk, Rosane Padilla e Juliana Veras pelo apoio afetuosos nas hospedagens em Paris que me permitiram finalizar a análise e, conseqüentemente, fazer esta tese.

A Sophie Marret-Maleval por ter me recebido na Universidade Paris 8 e ter aceitado ser minha coorientadora. Devo a Sophie o aprendizado resultante de profícuas trocas epistêmicas.

Aos colegas do Doutorado-Sanduíche que colaboraram muito com meu intercâmbio e em especial, a Arunajava Banerjee, pelas constantes trocas.

Aos colegas do grupo de pesquisa CONES e as alegres trocas que ali se dão.

A Joyce Bacelar pela solicitude e a Marisa Marques pelos valiosos empréstimos de livros.

A Hebe Alves que, com sua humorada presença no CONES, reafirmou para mim o valor inestimável das trocas entre saberes.

Ao PPGPSI-UFBA pela acolhida do meu projeto e por ter sustentado as condições para realizar minha pesquisa.

A Aline Santos pela prestatividade, e aos professores do programa, em especial a Virgínia Dazzani e Patrícia Carla Zucoloto.

À FAPESB pela concessão de bolsa durante o Doutorado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), pela concessão de bolsa para o Doutorado-Sanduiche qualificando deste modo minha pesquisa.

Aos colegas da Banca de Defesa por terem aceitado estar ao meu lado neste momento de concluir.

Aos colegas da Escola Brasileira de Psicanálise por comporem comigo o refúgio ao mal-estar da civilização que é uma Escola, a quem destino meu passe final.

A Erick Leonardo por sua dedicação e paciência com minhas limitações internáuticas.

A Jacques-Alain Miller por sua escrita.

A Eric Laurent que do outro lado do Atlântico sempre esteve presente pela via do amor de transferência.

E, finalmente, aos meus pais que tudo começaram por terem me colocado na escola e na vida.

GiTâ (Raul Seixas)

[Uma canção sobre o ser que se desnuda. Ao estilo de uma experiência analítica?]

Eu, que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando
Foi justamente num sonho que Ele me falou
Às vezes você me pergunta
Por que é que eu sou tão calado
Não falo de amor quase nada
Nem fico sorrindo ao seu lado
Você pensa em mim toda hora
Me come, me cospe, me deixa
Talvez você não entenda
Mas hoje eu vou lhe mostrar
eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar
Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou, eu fui, eu vou
Eu sou o seu sacrifício
A placa de contramão
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição
Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada
Por que você me pergunta?
Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar
Você me tem todo o dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você
Mas você não está em mim
Das telhas eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra "A" tem meu nome
Dos sonhos eu sou o amor
Eu sou a dona de casa
Nos "peg-pagues" do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso, largo, profundo

Eu sou a mosca da sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão
É, mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô
O filho que ainda não veio
O início, o fim e o meio
O início, o fim e o meio
Eu sou o início, o fim e o meio
Eu sou o início, o fim e o meio

ABREU, Tânia Maria Lima. A experiência analítica e seus efeitos de formação na Escola de Lacan. 2023. Orientadora: Denise Coutinho. 92 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

O objetivo desta tese é demonstrar que, na psicanálise de orientação freudiana e lacaniana, a formação do psicanalista advém, prioritariamente, de sua experiência como analisante. Para alcançar tal propósito, o trabalho está estruturado em três artigos, interligados pelo objeto da investigação, a saber, a relação entre experiência psicanalítica, a formação do psicanalista e o ensino da psicanálise. Os artigos discutem, a partir da conjunção e disjunção de argumentos, relações possíveis entre experiência, formação e ensino, tendo como marco teórico a psicanálise de orientação freudiana e lacaniana. Considerando, com Freud, que a pesquisa em psicanálise é parte constitutiva da clínica, esta investigação parte de uma experiência de psicanálise já concluída e em parte publicada, e enfatiza a incidência da experiência como analisante na formação e, conseqüentemente, no ensino/transmissão da psicanálise. A hipótese pode ser assim formulada: se desde Freud a formação do psicanalista tem por base o tripé constituído entre análise pessoal (ou seja, experiência analítica), supervisão dos tratamentos conduzidos pelo analista, e a teoria que advém da prática, a experiência de análise pessoal é o elemento que dá sustentação à supervisão e ao estudo teórico. A questão que guia a pesquisa é: como qualificar a formação do analista e o ensino/transmissão da psicanálise a partir da experiência de análise, na necessária articulação com a supervisão e o estudo da teoria? Desta questão central, busca-se avançar em outra pergunta: como fazer frente à avalanche de tratamentos com promessas de resultados imediatos? O primeiro artigo se centra no relato da minha experiência de análise e seus momentos cruciais, quais sejam: o começo, o meio e o final de uma análise. O segundo artigo prioriza a formação do analista em seu aspecto epistêmico, com ênfase nos esforços de Freud e de Lacan para manter preservadas as particularidades da psicanálise como uma clínica do singular. E o terceiro artigo aborda o ensino e a transmissão da psicanálise e seus desafios, devido à proximidade com o limite das palavras imposto pelo Real em jogo na transmissão epistêmica da teoria psicanalítica. O método desta investigação é a construção de testemunhos em primeira pessoa. Trata-se de um relato do percurso analítico para fins de transmissão, a partir de interlocuções com o material advindo das formações do inconsciente e relatados em sessões de análise, acompanhado de interpretações do analista que conduziu o tratamento. Apesar de se aproximar da construção do caso em psicanálise, distingue-se, fundamentalmente, porque a construção do caso clínico é um relato sobre o percurso de terceiros, sendo os testemunhos um relato em primeira pessoa sobre os efeitos de uma análise sobre o corpo daquele que oferece seu testemunho.

Palavras-chave: Psicanálise; Experiência analítica; Formação do analista; Escola de Lacan; Transmissão e ensino em psicanálise.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to demonstrate that, in Freudian and Lacanian psychoanalysis, the training of a psychoanalyst comes primarily from their experience as an analysand. The work is structured in three articles, interconnected by the object of investigation, namely, the relationship between psychoanalytic experience, psychoanalyst training, and the teaching of psychoanalysis. The articles discuss, from the conjunction and disjunction of arguments, possible relations between experience, training, and teaching, having Freudian and Lacanian psychoanalysis as a theoretical framework. Considering, with Freud, that research in psychoanalysis is a constitutive part of the clinic, this investigation starts from an experience of psychoanalysis already concluded and in part published, and emphasizes the incidence of the experience as an analysand in the formation and, consequently, in the teaching/transmission of psychoanalysis. The hypothesis can be formulated as follows: if, since Freud, psychoanalyst training has been based on the tripod formed between personal analysis (i.e. analytical experience), supervision of treatments conducted by the analyst, and the theory that comes from practice, the experience of personal analysis is the element that supports supervision and theoretical study. The question that guides the research is: how do we qualify the training of the analyst and the teaching/transmission of psychoanalysis from the analysis experience, within the necessary articulation between supervision and the study of theory? From this central issue, we move on to another question: how do we face the avalanche of treatments that promise immediate results? The first article focuses on reporting my own analysis experience and its crucial moments, namely: the beginning, middle and end of an analysis. The second article prioritizes the training of the analyst in its epistemic aspect, with emphasis on Freud's and Lacan's efforts to preserve the particularities of psychoanalysis as a unique clinic. And the third article addresses the teaching and transmission of psychoanalysis and its challenges, due to the proximity to the limit of words imposed by the Real that is at stake in the epistemic transmission of psychoanalytic theory. The method of this investigation is the construction of first-person testimonies. This is an account of the analytical path for transmission purposes, based on dialogues with the material arising from the formations of the unconscious and reported in analysis sessions, accompanied by interpretations of the analyst who conducted the treatment. Despite approaching the construction of the case in psychoanalysis, it so differs, fundamentally, because the construction of the clinical case is a report on the path of third parties, with testimonies being a first-person report on the effects of an analysis on the body of the individual who offers their testimony.

Keywords: Psychoanalysis; Analytical experience; Analyst training; School of Lacan; Transmission and teaching in psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
ARTIGO 1 UMA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA: OS FINS, OS PRINCÍPIOS E OS MEIOS	25
ARTIGO 2 A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA: O QUE ESTÁ EM JOGO?	49
ARTIGO 3 O ENSINO DA PSICANÁLISE E SEUS DESAFIOS	74
FINALIZANDO	87

INTRODUÇÃO

Restos que vão e voltam e me ajudam a bricolar. Escrever, aos pedaços, peças soltas, escrever à mão, implicando meu corpo, pequenos bilhetes, pequenos troços, elementos afetuosos com os quais componho meus textos! Tessitura composta dos restos inelimináveis da análise e do roçar das palavras que brotam da contingência! Eis o que de novo tenho para oferecer à universidade, em uma tentativa de diálogo entre esta e a psicanálise. Deste modo apresento-lhes minha tese. Uma escritura de minha experiência de psicanálise, que durou cerca de 30 anos e que, ao terminar, me levou a solicitar o passe final à Escola Brasileira de Psicanálise – doravante denominada EBP –, uma das sete Escolas de Psicanálise do Campo Freudiano reunidas pela Associação Mundial de Psicanálise.

Como resultado de tal solicitação, no mês de dezembro de 2020 fui nomeada Analista da Escola, pelo Cartel do Passe 9 da EBP. Ao longo desta tese, vou apontar termos relativos à noção de passe em psicanálise, assim como direi a que me refiro quando digo “Campo freudiano”. Detalharei também o que definimos com Analista da Escola, *AE*. Por ora, esclareço que o passe em psicanálise é um dos dispositivos inventados por Jacques Lacan, em 1967, para fazer oposição ao que se havia tornado o final de uma análise segundo a Associação Internacional de Psicanálise, assim como para combater a ideia, então difundida, de análise didática.

O texto magistral de Lacan sobre o tema é a “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (Lacan, 1967/2003). Dali retiro a definição de *AE*, como aquele que “pode dar testemunho dos problemas cruciais, nos pontos nodais em que se acham eles no tocante à análise [...]”.¹

A Associação Mundial de Psicanálise foi criada a 3 de janeiro de 1992 em Buenos Aires e declarada em Paris no dia 7 de janeiro do mesmo ano. Tem por objetivo promover a psicanálise em conformidade com a orientação lacaniana. Trabalha em sintonia com a Fundação do Campo Freudiano criada por Jacques Lacan, em

¹ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248.

fevereiro de 1979, e recebe toda e qualquer iniciativa que tenha por objetivo sustentar, difundir e aprofundar a orientação lacaniana em seus países².

No mês de janeiro de 2021, logo após a nomeação como AE, iniciei um período de doutorado-sanduíche³ na Universidade Paris 8, como fruto de um convênio entre aquela instituição e a Universidade Federal da Bahia - UFBA. Dada a proximidade do período do doutorado-sanduíche com a nomeação como AE, que me levou a escrever relatos de minha experiência psicanalítica como analisante, os artigos que compõem esta tese são fruto da interface entre as duas experiências, o que corrobora a ideia de que a formação do psicanalista advém de sua experiência como analisante, em sua mais profunda radicalidade.

Ao longo dos três artigos que constituem a tese, apresento versões atualizadas dos depoimentos ou testemunhos – nomeação dada aos relatos da experiência analítica –, que escrevi, durante o período do doutorado, para publicação nas Escolas do Campo Freudiano ou que apresentei em eventos. O critério para a escolha de tais relatos é sua pertinência ao objetivo desta tese que é demonstrar que, na psicanálise de orientação freudiana e lacaniana, a formação advém, prioritariamente, da experiência como analisante. Para alcançar tal objetivo geral alguns objetivos específicos foram traçados tais como: tratar a experiência analítica a partir da dimensão temporal em sua vertente lógica, visando extrair do universal o singular; dissertar sobre a importância da formação do analista, uma vez que não nascemos psicanalistas, mas nos formamos a partir das formações do inconsciente e, por fim, enumerar os desafios do ensino da psicanálise, declinando o aforisma lacaniano: como se ensinar o que não se ensina.

Trata-se de uma pesquisa teórico-clínica composta de três artigos independentes, tendo como eixo central o objeto de estudo proposto que são os testemunhos de passe que, por sua vez, têm como material minhas interpretações da experiência como analisante e interpretações do analista. Embora os artigos sejam independentes, estão interligados por articulações teóricas advindas desta experiência clínica.

² Para maiores informações, ver www.wapol.org.

³ Esta experiência só foi possível devido à concessão de bolsa de estudo pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a quem agradeço.

O método aqui proposto é a construção de testemunhos em primeira pessoa. Trata-se de um relato do percurso analítico para fins de transmissão, a partir de interlocuções com o material advindo das formações do inconsciente e relatados em sessões de análise, acompanhado de interpretações do analista que conduziu o tratamento. Apesar de se aproximar da construção do caso em psicanálise, distingue-se, fundamentalmente, porque a construção do caso clínico é um relato sobre o percurso de terceiros, sendo os testemunhos um relato em primeira pessoa sobre os efeitos de uma análise sobre o corpo daquele que oferece seu testemunho. Uma das consequências que podem advir de tal metodologia são repetições de conteúdo entre os artigos. Advirto ao leitor que estes artigos foram escritos ao ritmo de uma sessão analítica, onde constatamos que somos presas da repetição orquestrada pela satisfação gozosa e nos flagramos falando de uma mesma coisa durante muitos anos.

Inicialmente, quero me deter no termo “experiência”, e seu uso no campo psicanalítico. Segundo conferência proferida por Jacques-Alain Miller em 2010 na Rússia⁴, ele esclarece que experiência em psicanálise ocorre quando não podemos definir antecipadamente o que vai se passar, visto que nada acontece como imaginamos, o que confere à experiência seu caráter de acontecimento, ou seja, de contingência. O encontro com um analista é um marco que pode estabelecer um antes e um depois na vida de um sujeito, definição de acontecimento, e de experiência no sentido forte do termo, no âmbito da psicanálise.

A experiência em psicanálise ocorre a partir de um furo no saber. O que leva um sujeito a buscar análise é da ordem de um enigma, tal como se dá na pesquisa: “o tema de pesquisa é aquilo que interpela o sujeito e cuja origem ele desconhece”, nos diz Cecarelli⁵. O que está em concordância com Freud, quando este nos diz “na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa [...]

⁴ MILLER, Jacques-Alain. “L’Expérience d’une analyse. YOUTUBE. *Atelier Lacan en Russie*, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/JB9V3KT0Xhs>. Acesso em: 28 jul. 2023.

⁵ CECCARELLI, Paulo Roberto. Don Quixote e a Transgressão do Saber. *Revista Mal-Estar e subjetividade*. p.879-899, set/2009. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1668/3634>. Acesso em: 28 jul. 2023.

era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo [...] nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada”.⁶

No ano de 2004, em um congresso da Associação Mundial de Psicanálise - AMP, a então presidente Graciela Brodsky apresentou os “princípios diretores do ato psicanalítico”, enfatizando que, se a psicanálise de orientação lacaniana não tem *standard*, tem, entretanto, princípios que guiam a prática analítica. São oito princípios que destacam que a experiência da psicanálise sustenta-se na contingência como modalidade temporal, o que a distancia de qualquer “para-todos”, de qualquer universalidade. São princípios que norteiam o encontro entre um analisante e um analista, presentes em uma sessão psicanalítica, definida por Miller⁷ “como um encontro, quer dizer, se trata de que dois corpos ocupem o mesmo espaço durante certo lapso de tempo, que convivam no espaço durante certa duração do tempo”.

No referido texto, Miller nos adverte que, antes de comunicarmos ao paciente a regra fundamental da psicanálise, que pode ser resumida no “fale”, um outro imperativo se impõe: “venha!”. Trata-se do encontro entre dois corpos, que abarca uma dimensão espaço-temporal, e duas posturas distintas: se o analisante chega com suas dores, advindas do que viu, ouviu ou ainda do que não pode dizer, mas sofre suas ressonâncias, o analista “pontua os dizeres do analisante e isso lhe permite compor o tecido de seu inconsciente”.⁸ Tal encontro faz da psicanálise uma “prática de fala” sustentada pelo enigma do lado do analisante e do distanciamento de “qualquer mestria ou ideal existente na civilização” no lugar do analista.⁹

Para introduzir o que desenvolvo na tese, vou fazer uma escanção nos oito princípios diretores do ato psicanalítico, acima referido, privilegiando os de número cinco e oito, que tratam, respectivamente, da experiência e da formação. Vou transcrevê-los na íntegra dada a importância de ambos no esclarecimento de que,

⁶ FREUD, S. A questão da análise leiga. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (1926/1976), v. XX, p. 291.

⁷ MILLER, Jacques-Alain. La Séance Analytique. In: *La Cause freudienne Revue de Psychanalyse*. Paris. n. 46. p. 7, 2000. Tradução sob minha responsabilidade.

⁸ LAURENT, Eric. Princípios diretores do ato analítico. In: _____. *Sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2007, p. 215.

⁹ *Ibid*, p.15-16

na psicanálise de orientação lacaniana, temos princípios, mas não protocolos. Seguem abaixo o quinto e o oitavo princípio, respectivamente:

Não há tratamento *standard*, nem protocolo geral que venha reger a sessão e o tratamento psicanalítico. Freud utilizou a metáfora do xadrez para indicar que só havia regras ou tipos para o início e o fim da partida. Certamente, depois de Freud, os algoritmos que formalizam o xadrez aumentaram sua potência. Ligados à potência de cálculo do computador, permitem que a máquina vença o jogador humano. Isso não muda o fato de a psicanálise, contrariamente ao xadrez, não poder apresentar-se sob uma forma algorítmica. Nós o constatamos pelo próprio Freud, que transmitiu a psicanálise com a ajuda de casos particulares: o Homem dos Ratos, Dora, o pequeno Hans etc. Com o Homem dos Lobos, o relato do tratamento entrou em crise. Freud não conseguiu manter na unidade de um relato a complexidade dos processos em jogo. A experiência da psicanálise, longe da possibilidade de ser reduzida a um protocolo técnico, tem uma única regularidade: a originalidade do cenário por meio do qual a singularidade subjetiva se manifesta. A psicanálise, portanto, não é uma técnica, mas sim um discurso que encoraja cada um a produzir sua singularidade, sua exceção.

E prossegue no oitavo princípio:

A formação do psicanalista não pode ser reduzida às normas de formação da universidade ou a avaliações do que foi adquirido pela prática. A formação analítica, desde o momento em que foi estabelecida como discurso, assenta-se em um tripé: seminários de formação teórica (para universitários); o prosseguimento, pelo candidato a psicanalista, de uma psicanálise até seu ponto último (de onde provêm os efeitos de formação); e a transmissão pragmática da prática em supervisões (conversação entre pares sobre a prática). Freud acreditou, durante algum tempo, que era possível determinar uma identidade do psicanalista. O próprio sucesso da psicanálise, sua internacionalização, as múltiplas gerações que há um século se sucedem, mostraram que a definição de uma identidade do psicanalista era uma ilusão. A definição do psicanalista inclui a variação de sua identidade. Ela é essa própria variação. A definição do psicanalista não é um ideal, pois inclui a história da própria psicanálise e do que foi chamado psicanalista em contextos de diferentes discursos.

A nomeação de psicanalista inclui componentes contraditórios. É preciso uma formação acadêmica, universitária ou equivalente, decorrente da colação de grau. É preciso uma experiência clínica transmitida em sua particularidade, sob a supervisão dos pares. É preciso a experiência radicalmente singular do tratamento. Os níveis do geral, do particular e do singular são heterogêneos. A história do movimento psicanalítico é a das discórdias e das interpretações dessa heterogeneidade. Ela também faz parte da grande Conversação da psicanálise que permite dizer quem é psicanalista. Esse dizer se realiza por meio de procedimentos nas comunidades que constituem as instituições psicanalíticas. O psicanalista jamais está sozinho; ele depende, tal como o chiste, de um Outro que o

reconheça. Esse Outro não pode ser reduzido a um Outro normatizado, autoritário, regulamentar, estandarizado. O psicanalista é aquele que afirma ter obtido da experiência o que dela podia esperar; aquele que afirma, portanto, ter atravessado, como Lacan nomeou, 'um passe'. No passe ele atesta a superação de seus impasses. A interlocução pela qual visa obter um acordo sobre essa travessia é feita em dispositivos institucionais. Ela se inscreve, de modo mais profundo, na grande Conversação da psicanálise com a civilização. O psicanalista não é autista. Ele não cessa de se endereçar ao interlocutor benevolente, à opinião esclarecida, e pretende comovê-los e interessá-los em favor da causa psicanalítica.

Do primeiro, destaco: "A experiência da psicanálise longe da possibilidade de ser reduzida a um protocolo técnico, tem uma única regularidade: a originalidade por meio da qual a singularidade subjetiva se manifesta".¹⁰ Esse princípio, convoca, mais uma vez, os analistas a alcançarem

[...] em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico? Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas.¹¹

Centremo-nos então na experiência analítica. Um sujeito segue sua vida ordinária, enquadrado no cotidiano de um *autômaton*, até que por via de um acontecimento imprevisto, encontro com o Real, algo se desarranja e emerge uma angústia até então desconhecida. Há um encontro com a urgência. A partir de suas crenças, busca alternativa para reencontrar a homeostase, então perdida. O encontro com um analista pode ser uma alternativa. Estão aí instaladas as condições de uma possível entrada em análise, a partir da urgência. Instante de ver. Instante de apostar que falar pode aplacar esta angústia, tratando a urgência.

Lacan, em diversas passagens de seu percurso, nos aponta que a pressa é a modalidade temporal da fala. Recorto aqui uma passagem de *O Seminário Livro II*¹², na qual designa a modalidade própria a este instante de ver:

Há uma terceira dimensão do tempo [...] que não é nem o atraso, nem o adiantamento, porém a pressa, ligação própria do ser humano

¹⁰ LAURENT, Eric. Princípios diretores do ato analítico. In: _____. *Sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2007, p. 217.

¹¹ LACAN, Jacques. *Função e campo*, op. cit., 1998, p. 322.

¹² LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro II. O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Tradução Marie-Christine Laznik Penot. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1954-1955/1995, p. 363.

com o tempo, com o carro do tempo, que está aí, a esporeá-lo por detrás. É aí que a fala se situa, e que não se situa a linguagem, que dispõe do tempo inteiro.

Miller¹³ nos lembra que a urgência é a “versão terapêutica da pressa”. Urgência que caminha tanto ao lado da história do movimento psicanalítico, uma vez que é possível localizá-la no Freud de “O Início do Tratamento”, texto de 1913, como nos lembrou Alberti¹⁴, quanto ao percurso analítico, visto que ao final de uma análise tal urgência adquire tons da satisfação.

A dimensão do tempo é aqui introduzida por duas razões. A primeira é que os artigos que tratarão da experiência analítica têm como fio condutor a dimensão do tempo, e a segunda é que a temporalidade está no centro da experiência analítica visto que se trata de elemento constitutivo da prática analítica e que permite associação com tantos outros de fundamental importância tais como: constituição do *sinthoma*¹⁵, manejo transferencial, relação com a urgência subjetiva; interpretação, para citar alguns. Cabe lembrar que uma das primeiras incursões de Lacan contra a estandarização da experiência analítica se deu no âmbito do manejo do tempo na sessão analítica, o que originou sua “doutrina da duração variável de uma sessão, mas não de sua brevidade”, lembra Miller em 2022.¹⁶

As preocupações de Lacan com a dimensão da temporalidade são primárias em sua obra e antecedem o começo do seu ensino, datado de 1953. Para configurar as etapas deste processo, sirvo-me aqui do texto de Jacques-Alain Miller intitulado “Une psychanalyse a structure de fiction”, de 2014, que, em português foi publicado no livro *Aposta no Passe*, com o título “Uma psicanálise tem estrutura de ficção”, ao longo do qual o autor descreve o início de uma análise como um tempo repleto de

¹³ MILLER, Jacques-Alain. El esp de un laps. In: El *últimísimo* Lacan. Buenos Aires: Paidós, p. 20-21, 2013.

¹⁴ ALBERTI, Christiane. Urgence et Satisfaction. *Quarto: Revue de psychanalyse, École de la Cause freudienne*, n.121, 2020.

¹⁵ Sinthoma, escrito com “h”, vem do francês *sinthome* que é a antiga grafia da palavra sintoma em Francês. O aparecimento desta noção em Lacan é concomitante ao estudo que empreende sobre o escritor James Joyce, que originou o Seminário XXIII, ditado entre os anos de 1975 e 1976, cujo título é “Le Sinthome”. O entendimento deste conceito só é possível a partir de uma leitura borromeana da clínica, pois, *sinthome* corresponde a uma nova forma de escrita: a escrita dos nós. Trata-se do quarto nó que amarra real, simbólico e imaginário que, separados, são ligados pelo quarto elo, o *sinthoma*, equivalente do pai.

¹⁶ MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia, n.85, p. 14, 2022.

acontecimentos, tempo da comunicação e do inconsciente transferencial. Segundo Miller: "Transporta-se para outra pessoa o que se tem na cabeça, o que se dizia a si mesmo. É um fato de comunicação. Partilha-se o que se crê ter de mais íntimo". Ainda segundo este autor o que era "amorfo" vai adquirindo uma nova forma: "Ao longo das primeiras sessões, a massa mental do amorfo se distribui em elementos de discurso. Apenas o fato de convidar a falar aquele que está diante de você faz com que o amorfo mental adote a estrutura de linguagem".

Acrescida a esta forma, vêm os efeitos terapêuticos rápidos, aos quais não devemos adicionar um excesso de entusiasmo, visto que há casos nos quais se verifica uma piora no estado geral do sujeito, uma vez que o discurso foi acionado. Cito Miller:

Uma análise que se inicia ocorre em uma atmosfera de revelação. Ela não necessariamente se inicia quando se estabelece um processo de encontros regulares, mas ela se desenvolve como fogos de artifício de revelações, a partir do momento em que o sujeito se esforça em fazer passar o acontecimento de pensamento para a fala.

Localizo aqui, nesta passagem do texto de Miller, um ponto que se articula com a noção temporal em Freud, o *nachträglich*, também retomada por Lacan ao construir seu Grafo do Desejo ou pelo próprio Miller ao construir sua Erótica do Tempo. Tal localização convém, nesta altura, aos propósitos deste artigo, pois visio salientar que em uma análise, não se trata de uma pura rememoração enquanto articulação simbólica, mas de alcançar a reminiscência, aquela que implica o real do acontecimento de corpo. Ponto inaugural que remete ao choque de *lalangue* sobre o corpo, nó que articula o *sinthome*, que não é fraturado ao final de uma análise, sendo necessário saber lidar com ele.

Valho-me aqui da diferença que Lacan estabelece no *Seminário XXIII*, entre reminiscência e rememoração: "A reminiscência é distinta da rememoração. As duas funções são distinguidas em Freud, porque ele tinha o senso das distinções".¹⁷ A reminiscência implica que algo já estava ali e que não foi inventado, nos esclarece Miller¹⁸ no ano de 2006/2007, ao afirmar que há algo presente desde sempre e que não se sustenta com o sujeito suposto saber, ao estilo de um pergaminho, de um

¹⁷ LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro XXIII. O sinthoma*. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1975-1976 /2007, p. 127.

¹⁸ MILLER, Jacques-Alain. *El reverso del passe*. El últimíssimo Lacan. (2006/2007) v. I. Buenos Aires: Paidós, 2014.

bloco mágico que contém rastros de um texto anterior, inelimináveis. A rememoração está ligada à impressão, tal como fora estabelecida por Freud no *Projeto* de 1895. Podemos dizer que a reminiscência não tem estrutura de ficção e, assim sendo, jamais será alcançada?

Retomando o momento do início de uma análise, considero que do lado do analista trata-se também de um instante de ver, no tocante à *Hystória* do analisante. Um quebra-cabeça que o analista vai montando com as peças soltas que, aos poucos, são trazidas pelo analisante e entregues àquele ou aquela a quem se supõe um saber. Instante de se familiarizar com o que por vezes é o *infamiliar* para aquele que fala, atendendo ao imperativo da regra freudiana da associação livre.

Por vezes, uma análise prossegue, os acontecimentos se aquietam e o discurso do analisante, moldado pela monotonia da fantasia em seu enquadramento, entra em uma repetição de significantes que permitem localizar o gozo em questão, encerrado nas teias do significante. Miller assim descreve este momento:

A questão que consome não é tanto aquela de um tempo para compreender quanto a de um tempo para desinvestir, para que – tomo isto emprestado de Lacan – o interesse da libido venha se condensar no que ele chamava de objeto *a*.

Tempo de se inteirar de que há uma satisfação no que se repete, o que não se dá, a meu ver, sem o manejo, por parte de quem ocupa o lugar de analista, da dimensão temporal. O prosseguir de uma análise, seu meio, aquele que Freud deixou fora em sua referência ao jogo do xadrez como metáfora de um tratamento analítico, para ser ultrapassado, requer do analista um manejo do tempo em seu ato, pela escansão ou pelo corte, por exemplo, que leve o analisante ao ultrapassamento da estrutura de ficção da verdade. Verdade ficcional que encobre o *sinthoma* com o qual terá que lidar ao final, uma vez que o gozo é ineliminável.

O manejo temporal pode levar o sujeito ao encontro da mudança de estatuto do que se satisfaz em uma análise. Aqui, sigo Miller¹⁹ “A questão preponderante em uma análise que se inicia, “O que isto quer dizer?”, tende a se apagar quando a análise

¹⁹ MILLER, Jacques-Alain. Uma psicanálise tem estrutura de ficção. In: *Aposta no Passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola*, membros da EBP, org. e tradução Ana Lydia Santiago. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018, p. 100.

dura. Qual questão a substitui? Se há uma questão que a substitui, se o analista não espera simplesmente que isso passe, ela é: “A que isso satisfaz?”

O sujeito, conduzido por um analista ao final de uma análise, se depara com a natureza real do inconsciente, onde o espaço de um lapso não comporta mais nenhuma interpretação e o tempo adquire a natureza da contingência inesperada, aquela que ao atingir o corpo do *falasser*²⁰ antecipa a certeza do “*c’est ça*” [é isso]. Momento no qual a satisfação gozosa que se condensava no objeto *a* deve se deslocar para o *sinthome*, do qual é preciso alguma distância para se chegar ao final, a partir de uma escolha e não de uma idealização, submeter-se ao dispositivo do passe, aquele que é o coração de uma Escola, responsável por sua pulsação, seu vivo. Há aí que se verificar a presença do desejo do analista.

Concluo a introdução, articulando o passe com a formação do psicanalista e o ensino da psicanálise na orientação lacaniana. No ano de 2008, Jacques-Alain Miller²¹, retomando o Lacan de 1978 que, por sua vez, retomou Freud, nos brindou com um curso cujo título adveio da ressonante frase de Lacan: “Todo mundo é louco” e completa “ou seja, delirante”. Deste curso retirei a seguinte afirmação que servirá de bússola na referida articulação: “É isto que prova, é isso o passe, é se esforçar, tentar, pelo milagre de transformar o saber de um só, o saber de um só que vem da experiência, de sua experiência, transformá-lo em matéria de ensino para todos”.

O primeiro cuidado que Miller teve neste curso foi advertir que a ênfase da frase não estava em “despatologizar” a sociedade, anulando a clínica, o que seria, segundo ele um risco na atualidade, na qual todos querem fazer valer seu modo de vida, o que quer dizer seu modo de gozo. Cito Miller²²:

Não haverá mais patologias, haverá, já há em vez disso, estilos de vida livremente escolhidos – uma liberdade imprescritível porque ela

²⁰ Tradução do original em francês, *parlêtre*. No momento do ensino de Lacan, denominado, “segundo ou último Lacan”, há uma substituição do termo sujeito, que implica um elemento mortificador, pelo termo *falasser*. Contrário da falta-a-ser, é, portanto, o sujeito mais o corpo, sujeito mais substância gozante, pois onde há corpo, há gozo.

²¹ MILLER, Jacques-Alain. Cada uno en su mundo. In: _____. *Todo mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós. Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Tradução Marizilda Paulino e revisada por Antônio Beneti para circulação interna na Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 337.

²² MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v.85, 2022, p. 9-10.

é a dos sujeitos de direito [droit] [...] Aqui, nada de despatologização, mas um rebaixamento, uma destituição e, por que não, uma desconstrução do que é o ensino [...] Deste modo, o aforismo em questão se inscreve no âmbito de uma crítica feroz à função do ensino [...] Quais são as razões alegadas por Lacan para combater assim a função do ensino?

Retomo o citado oitavo princípio norteador do ato psicanalítico, no qual há a afirmação que a “A formação do psicanalista não pode ser reduzida às normas de formação da universidade ou a avaliações do que foi adquirido pela prática” e recorro à teoria de Lacan sobre os quatro discursos, para elucidar porque Lacan considera o ensino um delírio.

Saliento que ele encorajou e deu sustentação ao departamento de Psicanálise da Paris 8, mas não considerava o ensino da psicanálise compatível com o ensino em termos profissionais, tal como difundiam aqueles que sucederam Freud. Tampouco admitia

[...] que alguém por se acreditar figura de ponta, nos ensurdeça com os direitos adquiridos de sua ‘escuta’, com as virtudes de sua supervisão e com seu gosto pela clínica, ou que assuma ar entendido daquele que detém algo mais do que qualquer um de sua classe.”²³

Na sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”²⁴, Lacan afirma que “o psicanalista só se autoriza de si mesmo”, quer dizer, a partir de seu sintoma e da sua relação com o inconsciente. Só se autoriza de si mesmo, em sua experiência pessoal e não sem a Escola. Três anos antes, 1964, ao fundar a Escola Freudiana de Paris, Lacan insurgia-se contra a ideia do analista didata em vigor na época, afirmando que o didático só advinha ao submeter-se a uma análise e que

[...] o único princípio certo a formular, ainda mais por ter sido desconhecido, é que a psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise

²³ LACAN, Jacques. Discurso na Escola Freudiana de Paris. In : _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 265-266.

²⁴ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248.

contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ela encerra.²⁵

No ano de 1969, Lacan dedicou seu Seminário aos quatro discursos, quais sejam: discurso da histórica, discurso universitário, discurso do mestre e discurso analítico. Com o intuito de representar tais discursos através de matemas, distribuiu quatro letras, aqui tomadas como termos, S1 (significante mestre), S2 (o saber), $\$$ (sujeito dividido) e o *a* (objeto *a*) em quatro lugares distintos: acima à esquerda está o agente do discurso, à direita está o trabalho, abaixo à esquerda, a verdade, e à direita, a produção.

Lacan parte da ideia de que o discurso analítico, diferentemente dos outros três, não é um discurso de dominação, condição necessário para o ensino, visto que o agente é o *a* que, em sua natureza de semblante, causa o desejo, não se deixando dominar. O saber neste discurso, o analítico, não passa de sua condição de suposição, o que leva Miller²⁶ a sinalizar:

[...] aqui, nada de ensino, o que não impede que seja possível, eventualmente, aprender com ele [*s'en enseigner*], mas trata-se de um saber sem valor de ensino, sem ordem, nem coerência, nem sistema, um saber que se deve a encontros aleatórios, sem lei.

Cabe ressaltar aqui que o termo dominação, em sua relação com o ensino/educação, não está sendo usado em uma vertente de poder, de verticalidade, mas uma referência à natureza do elemento agente em cada um dos discursos, acima descritos.

Miller ainda resalta que Lacan não diz que a psicanálise não pode ser matéria de ensino, mas o discurso analítico, a *práxis* da psicanálise, pelas razões elencadas acima e ainda pelo fato do discurso analítico nada ter de universal, não sendo para todos. A interpretação que tem efeito para um, que é singular, é o sustentáculo de tal

²⁵ LACAN, Jacques. Ato de fundação. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 240.

²⁶ MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v. 85, 2022, p. 12.

afirmação. A prática da psicanálise não se ensina, se supervisiona, adverte Miller²⁷, sobretudo por seu caráter de impossibilidade. É da prática que Lacan está tratando quando se questiona: “Como fazer para se ensinar o que não se ensina?”

Miller lembra que Freud ensinou o que não se ensina “pagando com sua pessoa”²⁸, especialmente usando seus sonhos e suas formações do inconsciente para fazer avançar a psicanálise. Eis o desafio: ensinar o que não se ensina, apresentando as modalidades de arranjos que inventei para lidar com os encontros e desencontros que tive com o real.

²⁷ Ibid, p.13.

²⁸ Ibid, p.14.

ARTIGO 1

UMA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA: OS FINS, OS PRINCÍPIOS E OS MEIOS¹

Trata-se de fazê-los entrar pela porta, que a análise seja um umbral, que haja para eles uma verdadeira demanda. Esta demanda: o que é isso do qual eles querem ser desembaraçados? Um sintoma (Lacan, 1975/2016).²

INTRODUÇÃO

A chave de leitura proposta para este artigo tem por base minha experiência de análise que durou cerca de 30 anos e da qual retiro o material necessário para dar sustentação ao objetivo central deste artigo que é caracterizar os três momentos que compõem a experiência analítica: o fim, o princípio e o meio, lidos a partir do final, como proponho no título. O intuito é corroborar a afirmação de que a experiência como analisante tem lugar central e prioritário na formação do psicanalista e, conseqüentemente, no ensino da psicanálise.

Para desenvolvê-lo, relato aqui como foi meu encontro com a psicanálise e a fundamental escolha deste discurso para modificar minha prática de psicóloga para psicanalista, além de enfatizar o lugar da experiência como analisante em minha formação. Com este percurso almejo demonstrar que o termo “didata” só se aplica, na orientação lacaniana, àquilo que se aprende a partir da própria experiência e não da condução da experiência analítica de outros. A principal diferença entre um analista de orientação ipeana e um analista lacaniano é que o primeiro ocupa em relação ao analisante o lugar de I(A), o que interfere diretamente no conceito de final

¹ Este artigo, assim como outros que compõem esta tese de doutorado, é uma versão atualizada de testemunho de passe que apresentei ao longo de minha nomeação como Analista da Escola, AE, pela Escola Brasileira de Psicanálise, com anuência da Associação Mundial de Psicanálise, e que coincidiu com o período de meu Doutorado. Relembro que o termo testemunho aqui se refere aos relatos dos momentos do percurso analítico escandidos para fins de transmissão.

² LACAN, Jacques. “Entrevista com os estudantes na Yale University”. *Lacan in North Armórica*. Tradução, organização e notas Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco. Porto Alegre: Fi, 1975/2016, p. 47-56.

de análise, que não vai além de uma identificação do analisante com seu analista, como nos diz Lacan em 1956³:

[...] não nos esqueçamos de que a entrada na comunidade está sujeita à condição da análise didática, e há mesmo uma certa razão para que tenha sido no círculo dos didatas que veio à luz a teoria que faz da identificação com o *eu* do analista a finalidade da análise.

Em contrapartida, na orientação lacaniana o analista deve ocupar o lugar de *a*, extraído do Outro no final de análise, promovendo uma conclusão que leve à dessubjetivação e à identificação com o objeto *a*. Não há, nas análises conduzidas por esta via, relações intersubjetivas, pois um está no lugar de sujeito dividido, enquanto o outro o recebe no lugar de objeto. Destaco que nesta última orientação, toda análise é didática porque produz um analista.

No ano de 1967, Lacan escreveu uma proposição sobre o psicanalista da Escola que, dentre outros objetivos, visava questionar a nomeação de “didata”, concedida pela Associação Internacional de Psicanálise, a psicanalistas experientes. O termo experiência, nesta orientação, é aplicado em relação à quantidade de análises que o analista havia conduzido. Ali, em argumentação contrária a tais princípios, Lacan desenvolveu dois conceitos fundamentais para os propósitos desta tese: psicanálise em extensão e psicanálise em intenção. Cito Lacan⁴:

Para introduzi-los nisso, eu me apoiarei nos dois momentos da junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela.

Esquece-se, com efeito, sua pregnante razão de ser, que é constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que nela figura a finitude, para permitir o a posteriori, efeito de tempo que, como sabemos lhe é radical.

Considerando que a ênfase neste trabalho é a experiência analítica como meio necessário através da qual se formam analistas, detenho-me aqui em uma pequena digressão sobre a extensão da psicanálise, seus tentáculos no Outro social, e o que

³ LACAN, Jacques. Situação da psicanálise em 1956. In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998, p. 479.

⁴ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 251.

ela aí aporta de terapêutico, e a psicanálise pura e sua intensão. Cabe ressaltar que a psicanálise em intensão – aquela que pode levar um sujeito ao final de sua análise mudando da posição de analisante à analista –, serve de esteio à psicanálise em extensão, mantendo com esta uma relação moebiana. Não podemos pensar as aplicações da psicanálise, sua extensão, sem este esteio, sob o risco de confundi-la com uma psicoterapia.

Aplicar a psicanálise implica, sobretudo, manter sua ética, calcada no desejo do analista, o que nos leva a concluir que o que há de extensivo na psicanálise é sua intensão. Lacan⁵, em 1967 afirma que “[...] é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão”. A criação por Lacan de uma Escola, e não uma sociedade, de um refúgio contra o mal-estar na civilização, tem por fundamento esta lógica moebiana, além de tantos outros. Escola que tem como um de seus objetivos a defesa da existência da psicanálise no mundo, já ameaçada desde os tempos freudianos. No ano de 1932, na XXXIV Conferência, Freud dedicou-se a analisar os inúmeros ataques que, na sua época, já sofria a psicanálise, tanto por parte do mundo científico quanto da sociedade em geral. Destaco um destes, por sua absoluta atualidade. Nos diz Freud⁶:

A psicanálise é realmente um método terapêutico como os demais. Tem seus triunfos e suas derrotas, suas dificuldades, suas limitações, suas indicações. Em certa época, fazia-se contra a análise a queixa de que não podia ser tomado a sério, na qualidade de tratamento, de vez que não se atrevia a publicar estatísticas de seus êxitos.⁷

Na atualidade não continua sendo este, a falta de evidência do método psicanalítico, ou a não replicabilidade da clínica psicanalítica, o argumento contumaz dos críticos da psicanálise? Freud, em seu estilo visionário, já antecipava o que ora se constata, afirmando que:

Os seus sucessos terapêuticos não constituem motivo, nem de orgulho, nem de vergonha. Estatísticas dessa espécie não são,

⁵ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 261.

⁶ FREUD, Sigmund. Conferência XXIV: Explicações, Aplicações e Orientações. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1932/1976.

⁷ *Ibid*, p.186.

porém, em geral, instrutivas. O material com que lidam, é tão heterogêneo, que apenas números muito elevados mostrariam algo. É mais correto examinar as próprias experiências do indivíduo.⁸

Ainda em defesa da psicanálise, afirma que: “comparada com outros procedimentos psicoterapêuticos, a psicanálise é, fora de dúvida, o mais eficiente” e ainda que “aqueles psicoterapeutas que empregam a psicanálise, entre outros métodos, ocasionalmente, pelo que sei, não se situam em chão analítico firme: não aceitaram toda a análise, tornaram-na aguada [...]”⁹.

Para concluir o espaço digressivo aqui aberto, saliento, na citação acima, o destaque que Freud dá à experiência própria do indivíduo, que corrobora o Lacan do século XX, quando este prioriza a singularidade da experiência de cada um tanto como meio de autorização analítica quanto de transmissão da teoria psicanalítica.

Retornando aos três momentos destacados no título deste artigo, os Fins, os Princípios e os Meios, advirto que serão descritos tendo como fio condutor a dimensão temporal, tal como é trabalhada no âmbito da psicanálise. A dimensão do tempo é aqui introduzida considerando que a temporalidade está no centro da experiência analítica, visto que se trata de elemento constitutivo da prática analítica. Por fim, se é de momentos ou etapas do processo analítico que estou escrevendo é de temporalidade que estou falando.

Uma das primeiras incursões de Lacan contra a estandarização da experiência analítica se deu no âmbito do manejo do tempo na sessão, o que originou sua “doutrina da duração variável de uma sessão, mas não de sua brevidade”, lembra Miller em 2022¹⁰. Ratifica a importância da dimensão da temporalidade a ideia de que, na obra de Lacan, a noção de tempo esteve no horizonte desde antes do início de seu ensino, como nos afirma Jacques-Alain Miller:

A reflexão sobre o tempo está, em Lacan, desde antes do começo propriamente dito de seu ensino. Encontrarão de fato nos *Escritos*, sob o título ‘O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada’. É um texto que Lacan, ao que parece, elucubrou durante a última

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia, n. 85, 2022, p. 14,

guerra. Ao ter decidido abster-se de publicar durante este período, publicou estas páginas durante a Liberação¹¹.

Centremo-nos então na experiência analítica, lida a partir da dimensão da temporalidade. Como se iniciam as análises? Há uma modalidade de tempo que prevalece em cada etapa de uma análise? Como terminam as análises? É possível afirmar que o manejo da dimensão temporal por parte do analista – dimensão aqui tomada em sua vertente lógica e não como duração –, pode levar ao fim de uma análise? Pode levar a um novo arranjo com o gozo que, em sua opacidade, continua determinado o modo de existir de um *falasser*?

Doravante, me dedicarei a desenvolver tais questões, sem pretensão de esgotar o tema, mas antes contribuir com minha experiência de análise para o aprendizado de outros. Deste modo, viso também contribuir com discussões sobre temas cruciais do arcabouço teórico da psicanálise tais como: fantasia fundamental, sintoma, pulsão e programa de gozo, conceitos que compõem o vocabulário de um primeiro tempo do ensinamento de Lacan e *alíngua*¹², *sinthoma* e *parlêtre*, termos que apontam uma nova relação entre significante e corpo, compondo o vocabulário de um novo momento no ensinamento de Lacan, denominado último ensino.

OS FINS

Por quantas vias pode-se abordar o termo “fins”, haja vista sua afinidade com a polissemia e com a equivocidade? Sirvo-me aqui de ao menos três possibilidades, mas antes de descrevê-las é importante ressaltar que as três estão interligadas, tal como afirma Borsoi ao lembrar que “não pode haver experiência analítica sem estatuto ético”¹³.

¹¹ MILLER, Jacques-Alain. Elaboración sobre El Tiempo. El *Ultimissimo* Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2013.

¹² Trata-se de um neologismo inventado por Lacan para designar aquilo que dá língua configura um sem sentido, aquilo que não serve para comunicar nada, mas para gozar. Um exemplo conhecido é o balbucio dos bebês. Lacan considera que a linguagem é uma elucubração de saber sobre alíngua, estando neste caso a serviço da comunicação.

¹³ BORSOI, Paula et al. Os fins da psicanálise. *Revista Correio, Corpos que contam*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 84, 2020, p.131.

A primeira pode ser assim expressa: para que serve uma psicanálise, qual seu fim, seu objetivo? Borsoi nos recorda que a “ética, como moderadora da inserção da psicanálise no mundo, é uma de suas *finalidades*”¹⁴. Com Lacan, ela nos relembra outra finalidade da psicanálise que é assombrar o real: “A abordagem do real é estreita. E é por assombrá-la que a psicanálise se perfila”¹⁵. A veia otimista de Miller pode ser extraída de sua afirmação “ [...] a psicanálise penetrou no mundo que nos rodeia. E isso aflige o psicanalista: que a psicanálise tenha formatado esse mundo, nele esteja inscrita e, de agora em diante, infiltre a vida cotidiana de quem quer que seja”¹⁶.

A segunda se centrará no anunciado fim da psicanálise, decorrente, sobretudo da queda da narrativa na contemporaneidade e da ascensão do gozo incensado pelo discurso capitalista em detrimento do desejo, eixo norteador da ética que rege a psicanálise. O caráter utilitário e performático que o mundo adquiriu no último século tende a conceituar como velho e ultrapassado o que não apresenta resultados imediatos e superficiais.

O outro aspecto a ser abordado neste tópico é a sobrevivência da psicanálise em tempos de pandemia. Ao abordar tal relação me dirijo à atualidade, na qual o analista se viu obrigado a discutir a presença do analista na direção de um tratamento. Quando falamos da era COVID 19, uma das primeiras ideias que nos ocorre é: vivemos tempos de exceção, sobretudo porque perdemos nossa suposta liberdade de ir e vir! Mas, também, porque a proliferação do inimigo invisível, poderoso e sem nenhum tipo de pudor, nos atingiu naquilo que nos é mais precioso como seres de fala: o laço social. Como então exercer nossa prática de fala, como definia Lacan, sem o modo de laço social convencional? Aquele que implica um encontro entre corpos que se pensa que tem? A pandemia declararia o fim da psicanálise?

¹⁴ Ibid, p.131.

¹⁵ LACAN, Jacques. Radiofonia. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 431.

¹⁶ MILLER, Jacques- Alain. El lugar y el lazo. In: *Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller [2000-2001]*. Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 82. Tradução livre nossa.

Diante desta questão é que incide o uso da internet e seus aparatos na nossa experiência, único recurso que restou ao psicanalista em tempos de confinamento. Uma verdadeira euforia se apoderou da comunidade psicanalítica, tendo como pano de fundo, dentre várias questões, uma que aqui destacaremos: diante desta nova era e suas imposições virtuais poderá a psicanálise sobreviver? Que invenções se fazem necessárias, sem perder os princípios do ato analítico?¹⁷

Por fim e com maior destaque, abordarei o final de uma análise, dando ênfase a minha própria experiência analítica. Como cheguei ao final e por quais vias escolhi fazer o passe final. O destaque a esta via se justifica pelo tema da minha pesquisa e ainda pelo fato de o final de análise ter sido fonte de inquietações tanto para Freud como para Lacan. Para Freud, nos diz Miller, o encontro com um real imutável é causa de um impasse, um tropeço; para o segundo é razão de uma invenção, o dispositivo do passe. Cito Miller na contracapa de seu livro recém-publicado em Português, *Como terminam as análises: Paradoxos do Passe*:

De fato, para Freud, qualquer análise está a fadada a tropeçar num *impasse*, o encontro com um real imutável. Em contrapartida, segundo Lacan, um *passe* é possível: um tratamento pode encontrar um final que não seja um simples *satisfecit* que analista e o analisante se concederiam mutuamente, nem um abandono, um cansaço ou uma insurreição, mas uma conclusão de ordem lógica. Segue-se um procedimento argucioso, destinado a verificar se o passe foi efetivamente encontrado pelo analisante.¹⁸

Abordar a experiência analítica pelos seus fins, valorizando, sobretudo, a conotação temporal à qual este termo se presta, aponta que a porta pela qual se entra em uma análise é a mesma da qual se sai. Só sabemos disso ao final quando, ao olharmos para trás, nos deparamos com a constatação de que falamos de uma mesma coisa todo o tempo, como constatou Lacan ao final de seu ensino:

Este ‘Palavreado’, acredito reconhecer ali o impulso do que desde sempre articulei, a saber, que o significante, é disso que se trata no inconsciente. O inconsciente, é o que em suma se fala – se é verdade que há *falasser* - completamente só. Fala-se completamente só porque não se diz jamais senão uma só e mesma coisa – salvo se nos abrimos a dialogar com um psicanalista. Não há meio de fazer de outra forma que a de receber de uma psicanalista o que

¹⁷ Estes dois parágrafos são parte de um texto do qual sou uma das autoras. “Os fins da psicanálise”. *Revista Correio, Corpos que contam*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 84, 2020, p. 133.

¹⁸ MILLER, Jacques-Alain. *Como terminam as análises: paradoxos do passe*. Tradução Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

desarranja sua defesa. Elucubra-se sobre as pretendidas resistências do paciente quando a resistência, o disse, toma seu ponto de partida no próprio analista. A boa vontade do analisante jamais encontra nada de pior do que a resistência do analista.¹⁹

Uma frase marcou meu percurso analítico do início ao fim: “eu vou fazer com ela tudo que ela fez comigo”. Esta frase vinha acompanhada de uma cena onírica na qual eu enfiava a mão na boca de um cachorro. Cabe ressaltar que fui uma criança fóbica a cães e que na primeira sessão de análise com o terceiro analista, aquele que conduziu minha análise até o final, recebi a interpretação: “A mãe fóbica à vida transmitiu sua fobia para você”.

O final de minha análise foi marcado por vários momentos e acontecimentos os quais relato, convicta de que um final de análise vai sendo construído até se chegar ao momento contingencial de uma certeza de que nada mais pode ser dito e interpretado. Tal como nos disse Lacan, chegamos ao “espaço de um lapso”²⁰, onde se pensarmos que lá estamos, já saímos dele, do inconsciente. Um destes acontecimentos é o que relato a seguir e que faz uma conexão direta com o que Miller trabalha em seu curso *Donc*: “Como começam as análises? De fato, como terminam as análises depende do modo como se concebe como começam. Em todo caso, essa é a perspectiva lógica que Lacan nos apresentou: “o como terminam” depende de “como começam.”²¹

Estava escrevendo um texto, no qual queria articular a queda do falocentrismo com a voracidade materna e os objetos fóbicos reais, e não conseguia terminar. Casualmente encontro uma passagem em um texto de Cottet²², que funcionou como um clarão: “A fobia infantil, decorrente de um pai falicamente carente, não foi tratada e foi se deslocando, metonimicamente, sem que EU soubesse”. O EU fora aí

¹⁹ LACAN, Jacques. *Seminário XXIV: O Insucesso de Um-Equívoco é o amor. (1976-1977)*. No original: *L'Insu qui sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller (*Ornicar?*, 12/13, 14.15,16,17/18). Tradução Mário Almeida (*in memoriam*) para circulação interna na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Bahia. Inédito.

²⁰ LACAN, Jacques. *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567.

²¹ MILLER, Jacques-Alain. *Cómo se inician los análisis? Donc: la lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 284. Tradução nossa.

²² COTTET, Serge. *OFNI: Objetos Fóbicos No Identificados*. In: _____. *El miedo de los niños*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2017, p. 121-128.

incluído pelo Inconsciente não fazendo parte do texto original do autor, mas sim do texto original de minha neurose infantil.

No meu caso, naquela sessão, a frase foi associada a três declinações da fobia infantil, que elenco aqui:

- 1) Medo de não ser amada ou amada demais, o que pode levar à devoração pelo desejo materno sem barras ou com barras frágeis. Nesta passagem, faço referência ao que Freud trabalhou em *Totem e Tabu* sem, no entanto, nenhuma pretensão de desenvolvê-lo aqui, uma vez que tal declinação me distanciaria do objetivo deste artigo.
- 2) Fobia ao outro encoberta pela alegria, paixão, simpatia e gentileza.
- 3) Medo de não ser querida, incluída nos grupos e que o outro me apontasse: “Aqui não é seu lugar”, questão advinda da falta de lugar na estrutura familiar.

A passagem do texto de Cottet encerrava meu percurso analítico. Ali estava o início, quando escutei, antes de passar para o divã: “a mãe fóbica que transmitiu seus medos para a filha”, como relatado acima. Encontrava algum destino para a frase: “Eu vou fazer com ela tudo que ela fez comigo”. Trata-se de muitos fatos de minha vida, aí condensados. A mãe que se colocava como objeto dejetivo, lugar ao qual, pela via da identificação, me coleí durante anos, também me transmitiu o gosto pela vida, a beleza e a vontade de vencer. Do lado paterno, “o silêncio do pai”, uma das faces do objeto voz e um olhar não dirigido a mim, me lançaram na busca eterna da predileção do Outro. Tais objetos encontram um tratamento através de sonhos, via régia para acesso ao Inconsciente.

Durante um tempo em minha análise, as sessões eram povoadas de cenas e brincadeiras infantis que retornavam para adquirirem nova versão. Deslizo do “esconde-esconde” ao significante “*caché*” (escondido, em francês) destacado pelo analista quando, na saída de uma sessão, procuro meu *manteau* escondido entre tantos outros. Somente após um sonho, elaboro que tanto a falta do olhar do lado paterno quanto o excesso do lado materno mortificaram meu corpo. Segue-se aí um período de trabalho sobre as vias de comparecimento da pulsão de morte, configurada, dentre outros modos, na expressão “olho de peixe morto”, escutada por mim durante a infância.

A busca da resposta ao “escondido” jamais alcançou uma versão final, última, mas hipóteses com as quais temos que nos haver na vida, sendo a via mais viável a suposição de que entrei na análise pela via da fobia, transmitida pela mãe, fobia generalizada da vida, mas por mim encarnada nos cães, e por ela saí como relatado acima. Por falta da atuação do significante paterno de modo mais consistente, busquei na fobia um substituto, servi-me dele até poder dispensá-lo, o que não teria sido possível sem a companhia do analista. O termo companhia é aqui usado em referência ao estatuto da transferência no final do ensinamento de Lacan. Laurent nos diz que é preciso ir “além do entendimento da ruptura do analista com sua ancoragem na suposição. Ele não está no lugar do sujeito suposto saber, ele está no lugar daquele que ‘segue’ (*suit*) [...]”²³. Esta passagem, extraída do texto do Laurent, será mais bem entendida no item “meios”, onde declino as diferentes conceituações da transferência no ensino de Lacan.

Principiar pelo fim é uma decisão que também tomei, quando elegi começar a primeira entrevista para o passe pelo final da análise, que se deu de modo absolutamente simples, sem nenhuma idealização, sem nenhum “grande sonho”. Este comentário é uma alusão a todo aquele que se interessa pela psicanálise e que inicia sua análise tendo no horizonte escolher o passe clínico ou final e que, no curso de sua experiência, idealiza o final como sublime ou estandardizado. Não há modelos pré-estabelecidos para o final de uma experiência analítica. É necessário uma abertura às contingências, não permitindo que elas aconteçam na vida sem adquirirem uma formalização. No final do seu ensino, Lacan dizia que é preciso fazer uma parceria com a satisfação que advém no final. Deste modo, se o sujeito entra na análise pela urgência comandada pelo gozo do qual o sujeito desconhece os meandros, ao final sai também por uma satisfação, mas agora engendrada pelo *savoir y faire*²⁴ com este modo de gozo. O final da análise nesta direção teórica é concebido como uma invenção, ao estilo de uma bricolagem.

Não é fácil fazer escansões em 30 anos de análise, em que passamos longas horas de nossas vidas elucubrando a partir do que não existe, o que equivale a dizer, falando de como nos arranjamos com os encontros contingenciais com o Real, que

²³ LAURENT, Eric. Disrupção do gozo nas loucuras de transferência. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, n. 79, 2018, p. 56.

²⁴ Em português quer dizer “saber lidar com”.

comparecem recheados de gozo, ou ainda, como nos viramos com o “não há relação sexual”. Como nos livramos da tentativa neurótica de eternizar o tempo através da repetição? Miller nos alerta: “A temporalidade da repetição é sempre uma temporalidade da primeira vez”²⁵. Falamos a partir do gozo do sentido para alcançarmos o Um das bricolagens, do *sinthome*, “última estação antes do Real”, nos lembra Miller em seu curso de 2007²⁶. Contudo, ao final, é fato que não nos sentimos recompensados com o que encontramos, a saber, o impossível, uma vez que não há o verdadeiro do verdadeiro. Tal constatação faz do ato analítico um fracasso, como nos advertiu Lacan. O ato fracassa em higienizar o gozo, tanto por eliminar seus brilhos fálicos, quanto pelo que dele permanece em sua vertente de opacidade. Material com o qual “bricolamos” ao final.

Brincar com os restos, com meu *sinthome*, minha bricolagem: "tudo junto e misturado". Em sua lógica singular, tudo vem como uma avalanche e vou, passo a passo, garimpando pérolas com as quais possa construir meu dizer. Em seu curso de 2004, *Peças Soltas*, Miller nos lembra que:

O bricolador acumula, sem saber porque, peças soltas que sempre podem servir. Logo, quando tem o projeto, as arranja com o que encontra à mão, com o que tem em seu poder, com um conjunto finito de materiais de origens diversas e heteróclitos.²⁷

E segue nos dizendo que o “tesouro do bricolador se forma ao capricho das ocasiões”²⁸. Meu tesouro é composto das frases, da curiosidade infantil que, ao passar pela latência, desembocou no desejo pelo saber. Uma das consequências imediatas desse desejo é ensinar para querer aprender. É me permitir ser ensinada pelas experiências da vida, inclusive as contingências, poder usar da bricolagem sem pedir licença.

A nomeação como AE atravessou meu corpo com um pavor solitário, pois tombou sobre mim o imperativo: “tem que escrever”. Instante de ver. Mais uma vez, tudo veio “junto e misturado”: o novo da nomeação, o novo de viver em um novo país

²⁵ MILLER, Jacques-Alain. El estatuto del Inconsciente. *Los Usos del Lapso*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 113. Tradução nossa.

²⁶ MILLER, Jacques-Alain. La Ideia de lo Real. *El ultimíssimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014, p. 154.

²⁷ MILLER, Jacques-Alain. Bricolage. *Piezas Sueltas*. Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 9-25.

²⁸ Ibid, p. 9-25.

(estava em Paris fazendo um Doutorado-Sanduiche, no ano de 2021), sob a tutela do novo da pandemia. Um nó! Retorno da inibição, resto ineliminável de uma análise! O que fazer, quando minha invenção comparece a mim mesma de modo contingencial?

Os sonhos foram abundantes em minha análise e não me abandonaram. Um deles me aponta que, apesar das nuvens pesadas que sentia tombarem sobre mim, não há mais retorno, não é mais possível “pular fora”! Em um segundo sonho, jovens estão andando por atalhos sobre precipícios, eu andava também. Pergunto a um deles: “por ali vai dar onde? Não sei”. Ainda no sonho penso: O caminho de volta é perigoso! Enfrento minha escolha. Uns seguem por um caminho, outros por outros. O Outro da garantia não existe. O que fazer diante da solidão que me assolava?

Apostei nos restos de uma transferência que não se elimina, apesar de sua afinidade com o que há de fracasso no amor. Uma vez que estava em Paris, solicitei um encontro com o ex-analista de quem ouvi: “A vida se move. É como o tempo. Temos que acompanhar”. Tempo para compreender. Fala que teve efeito de interpretação, pois me levou a renovar meu entusiasmo pelo passe, pelo trabalho de Escola e pela escrita que, através do doutorado e do passe, configurou-se como um dos destinos da pulsão ao final de minha análise. Sigo Salman “[...] se na entrada o sujeito fala no nível do amor, na saída o sujeito sabe que fala no nível da pulsão”²⁹. A flecha encantada do amor me retirou de angústias paralisantes rumo a uma repetição que engendra o novo. Momento de concluir.

Concluo dedicando-lhes um pequeno texto que construí em um encontro contingencial com uma teia de aranha:

A natureza que não comete erros, a não ser quando lhe imputam palavras, acolhe teias em sua diversidade. As aranhas as constroem com um fio único e singular, sob a cumplicidade do ar, do sol, do sal e ao sabor das folhas. Tudo junto e misturado! As aranhas as constroem, em um tempo singular, algumas tecem uma por noite e destroem, outras a alimentam por vários anos, reparando-as sempre. Algo similar construímos numa vida analítica que, quando finaliza, não elimina restos, os recicla rumo ao que há de novo no amor.

²⁹ SALMAN, Silvia. “El misterio del cuerpo que habla”. *Latusa – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* – Seção Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: EBP – RJ, n.16, 2011, p. 121.

OS PRINCÍPIOS

Ao escrever sobre como ser psicanalista no século XXI, Miller marca que a questão que faz alguém ser considerado analista não é o número de pacientes que ele atende, isto é da ordem de ser um clínico, mas sua decisão em permanecer um eterno analisante, demonstrando assim a primazia da experiência subjetiva na formação do analista. Cito Miller³⁰:

Queremos analistas que sejam analisantes, analisantes perpétuos e arrancar incessantemente farrapos de saber do sujeito suposto saber que não existe – farrapos tanto mais preciosos quanto mais raros e singulares, pois a via analítica não é a de grande número, nem a da estatística, mas a do singular e do paradigma, do singular elevado a paradigma. Portanto, se é preciso slogans, substituamos doravante o retorno à clínica pelo *retorno ao singular*.

Ele acrescenta que, quando alguém é considerado analista “quando o nomeiam AE, Analista da Escola, é porque se considera que, doravante você está em condições de prosseguir sozinho seu trabalho de analisante”³¹. Entretanto, sozinho não quer dizer solitário, mas sustentando sua transferência à Escola como mediadora da relação ao saber.

Iniciei o primeiro dos meus testemunhos como AE em março de 2021, no seio das atividades do XXIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e, naquele momento, comecei elencando frases que escutei em minha vida e que me marcaram, quais sejam: “O final de uma análise está determinado desde o início”. “Essa menina bateu na porta errada, só gosta de tudo que é bom!”. “Como se constrói um prédio? De cima para baixo e você sustenta com sua cabeça!”. “Eu vou fazer com ela tudo que ela fez comigo!”. “Só se goza do corpo próprio!”. “A inteligência é perigosa!”. “Agora é com você!”. “Recolha-se a sua insignificância!”. “Tudo é difícil para nós!”. “Na minha vida é assim: tudo junto e misturado!”. “Só se fala da mesma coisa, do início ao fim de uma análise!”.

Essas frases são peças soltas, advindas de diversas origens, escutadas e interpretadas por mim ao longo do tempo, como os S1 advindos do Outro que me

³⁰ MILLER, Jacques-Alain. Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. In: _____. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise*. Organização e tradução Ana Lydia Santiago. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018, p. 88.

³¹ Ibid, p. 83.

constituíram como *falasser*. São partes de uma engrenagem que precisou de quase 30 anos para adquirir um novo funcionamento em minha dinâmica libidinal. A ressonância destas frases em meu corpo gerava uma enorme angústia e enredada pelo gozo que desencadeavam, na análise dava voltas e mais voltas, *tour et retours*, idas e vindas que me faziam sentir como se estivesse em um labirinto. São frases que teceram meu romance familiar e dele me tornaram personagem, parafraseando Laurent em seu texto “Ce qui passe dans une analyse”³².

Foram frases marcantes na construção do sintoma da inibição intelectual, sustentado na fantasia fundamental: ser um homem com uma vagina. A partir desta equação, ser o sustentáculo da família e a que tudo faz para tudo controlar, foi meu modo *princeps* de estar no mundo. Com o caminhar da análise esta fantasia foi sendo fraturada. Em minha vida institucional, na EBP, Escola da qual sou membro, não foi diferente. Durante muito tempo estive disposta a “resolver problemas”, mas inibida com a escrita, manifestação da inibição intelectual. O avanço na condução das análises que dirigia era nítido, pois não recuava da minha experiência de análise e graças a ela pude me deslocar do lugar da que tinha “compaixão” com o outro em angústia para aquela que podia ler o sintoma do outro “com paixão”, entusiasmo. Mas a escrita não avançava³³.

O final de uma análise é considerado por Lacan como um fracasso, porque decai o sonho neurótico da completude e o que vislumbramos é a inexistência da relação sexual. Uma das consequências desse encontro são os restos inelimináveis de uma análise. A conclusão implica um novo arranjo com o que já estava aí, uma bricolagem. No meu caso, encontrei uma maneira própria de escrever, a partir do produto de minha análise: “tudo junto e misturado”. A inibição intelectual escondia a idealização que, aliada com o supereu e seu imperativo do “tem que”, foram a “música de fundo de minha vida”, que levaram à constante busca de um lugar e à insatisfação que quase destruiu laços importantes na minha vida.

A verdade mentirosa do “você é burra” e o trajeto do parceiro-sintoma podiam agora ser rastreados. Após a decantação do que me angustiou em nome da idealização,

³² LAURENT, Éric. Figures de la psychanalyse. In: *Ce qui passe dans une analyse*, 2019 Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-figures-de-la-psy-2019-2-page-15.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

³³ Esta passagem é um fragmento do texto intitulado “A porta da saída indica a porta de entrada”, de minha autoria, escrito para a revista *Enlaces* (no prelo).

consinto em ser como posso: inquieta, dispersa, mas que avança frente ao modo como a vida comparece: “tudo junto e misturado!”. Trata-se de uma invenção de final de análise à qual pude chegar ao consentir com a castração.

Uma outra via pela qual trato o princípio do percurso analítico vem a partir de duas frases: “o final de uma análise está determinado desde o início” e “Só se fala da mesma coisa, do início ao fim de uma análise”. São duas frases que, alojadas em minhas memórias, demonstram que a articulação entre o início e o final da minha análise sempre foi um ponto de inquietação ao longo de minha vida analítica. Por esta via entendo, no só-depois, a razão pela qual documentei, através da escrita, importantes momentos de minha terceira análise, aquela que me levou ao final, o que apenas entrevi no momento das entrevistas que realizei com a Secretária do Passe da EBP, condição prévia ao encontro com os passadores, aqueles aos quais relatei meu percurso a fim de demonstrar que alcancei o final da análise. Deste modo, quase todo meu percurso analítico “já estava lá”, na pasta, que me acompanhou durante os 17 anos que me desloquei até Paris para fazer sessões de análise, conectando o começo ao fim da experiência analítica. No fim de minha análise, constatei o lugar que o objeto voz teve em minha vida e como foi encoberto pelo predomínio do objeto olhar. O acontecimento de corpo do final marcou como o objeto voz estava aí desde o início, sem que eu soubesse.

Antes de adentrar no ponto de conexão acima referido, entre o começo e o fim de uma análise, cabe esclarecer que as frases citadas foram transcritas para os depoimentos tal como ficaram registradas em minhas memórias, o que significa que não são fidedignas ao texto original de onde foram retiradas. Por exemplo, a frase “Só se fala da mesma coisa, do início ao fim de uma análise” fora retirada de uma passagem do seminário XXIV de Lacan, transcrita no item “fins”.

Retomarei aqui a frase “eu vou fazer com ela tudo o que ela fez comigo”, que se repetiu do início ao fim da análise, mas como foi dirigida a um analista encontrou um tratamento ao final, mesmo que parcial, pois dentro dos limites da castração.

Meu reencontro com a psicanálise se dera na Universidade, onde, após cursar Engenharia, ingressei no curso de Psicologia e ali se deu o vivificante reencontro com a psicanálise. A denominação da psicanálise como peste austríaca teria sido feita por Freud à Jung, quando chegaram aos Estados Unidos, para uma série de

conferências. Não há unanimidade quanto a veracidade desta passagem na história do movimento psicanalítico, mas decidi mantê-la, pois “peste” é um excelente significante para representar a psicanálise que, em sua essência tende ao fracasso, por suas afinidades com a pulsão de morte e com o mal.

É interessante notar que, em seu *Ato de Fundação*³⁴, que originou a Escola Freudiana de Paris, Lacan adverte que “a Escola afirma-se antes de tudo freudiana por isto [...] é que a mensagem freudiana ultrapassa em muito, em sua radicalidade, o uso que dela fazem os praticantes de obediência anglófona”. Pareceu-me que esta observação lacaniana tem uma íntima relação com a referida visita de Freud aos Estados Unidos, local onde se originaram tantos desvios à verdade trazida por Freud ao mundo, levando Lacan a ter que restaurar a “sega cortante de sua verdade”, denunciando “os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego”.³⁵

Fazer análise, terapia ou algo desta ordem não fazia parte do meu repertório, até então marcado pelo predomínio do discurso psiquiátrico e suas medicações, frente ao diagnóstico de bipolaridade paterna. A decisão de procurar um analista surgiu do lugar comum a todo estudante de psicologia, que é a ideia que temos que fazer análise é uma exigência profissional, um pré-requisito ao exercício da profissão e não uma necessidade pessoal, decorrente de um enigma e um desejo de saber. Porém, eu disse reencontro, pois ao final da terceira análise pude localizar que minha escolha pela psicanálise adveio do interesse de meu pai por esta teoria e, sobretudo, por Erich Fromm. Este dado será retomado logo mais, quando tratar da transferência. Meu primeiro encontro com a psicanálise se deu através dos olhos curiosos da menina que buscava na estante do pai objetos que despertavam o interesse dele.

Ao estilo do *nachtraglich* freudiano retorno ao final dos anos 1980, quando tive meu primeiro encontro com um analista em Salvador, onde vivo. Um analista que já não mais está entre nós na matéria corpórea, mas na ressonância de sua voz amiga e

³⁴ LACAN, Jacques. Ato de Fundação. In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 243.

³⁵ LACAN, Jacques. Ato de Fundação. In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 235.

cortante, se necessário. A orientação dessa análise já era lacaniana, o que quer dizer já apontava ao Real da inexistência da relação sexual, o que influenciou, fortemente, minha formação.

Desse percurso, destaco que minha relação com o outro semelhante não era fácil, visto que o medo da exclusão e do desamor era tamanho que, por vezes, desencadeava o desejo de paralisação. Nada fazer, para não ser vista, ou não desagradar ao Outro. Então, tudo era feito em nome do ter que ser “boazinha” e “simpática”, anulando o desejo e projetando o imperativo do “tem que”. Pude dar a isso um tratamento parcial, o que quer dizer que, ao interromper essa análise, algo ainda estava por ser trabalhado, mas a transferência naquele tratamento tinha me permitido alcançar o encontro com a castração, sem ainda consentir com ela.

Fui indicada por esse analista para ser passadora então bilíngue, pois a EBP ainda não dispunha do dispositivo do passe. Isto significa que transmiti para o Cartel do Passe da Escola da Causa Freudiana, em francês, o material que os colegas brasileiros, desejosos de fazerem o passe e serem nomeados AEs, me haviam transmitido. Era final dos anos 1990 e essa indicação inaugurava minha relação com o passe, sedimentada quando iniciei minha terceira análise, a que me levou ao final e que pude documentar, através da escrita, desde o primeiro encontro em 1999, sendo a esta análise que o presente trabalho se refere, em sua maior parte. No momento das entrevistas com as passadoras, e ao escrever meu primeiro depoimento, pude constatar que tudo “já estava lá”, na pasta que me acompanha desde o contato com a secretaria do passe, como relatei acima.

A primeira entrevista da terceira experiência de análise aconteceu na primavera de Belo Horizonte em 1999 e foi fundamental para reacender em mim a chama da transferência, abalada por um rápido encontro analítico em Paris, a segunda experiência de análise, que se encerrou por um manejo transferencial equivocado da analista que, em sua intervenção, tocara em meu sintoma da inibição intelectual de modo abrupto, repetindo o ainda intolerável para mim, naquele momento. Desde ali, da primeira entrevista de análise, meu terceiro analista já sinalizava a dureza do supereu em minha história, o que me perseguiu durante bom tempo da experiência analítica.

Estabeleço aqui uma importante diferença, em psicanálise, entre as entrevistas preliminares e a entrada em análise. As entrevistas são preliminares a quê? À entrada em análise. Passar de uma a outra requer a transferência, como nos adverte Leguil:

O analista, portanto, não faz parte da história do sujeito. Como deve, pois, operar? Sem transferência não há cura, mas com a transferência a cura é um impasse. O analista deve aceitar e sustentar a transferência, ou seja, considerar que a transferência é um amor verdadeiro. O psicanalista, se quiser que aconteça uma cura, deve fazer tudo para desencadear esse amor e, ao mesmo tempo, deve recusar-se a ele. Vocês vêem aí um paradoxo, e é por esta razão que a psicanálise não é aprendida na universidade, já que ocupar o lugar de analista é encorajar o amor ao qual nos recusamos.³⁶

Em abril de 2000, na primavera, inicio em Paris a terceira análise e, ao final, pude encontrar o significante da transferência, advindo do interesse de meu pai pela psicanálise e, sobretudo, por Erich Fromm.

OS MEIOS

No ano de 1913³⁷, Freud vislumbrou no jogo do xadrez uma boa metáfora para explicar seu recém criado método de escuta: a psicanálise.

Todo aquele que espere aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes.

Conforme o estilo de tal jogo, o início e o final de uma análise poderia ser determinado, não sem se considerar o estilo de cada analista e a singularidade de cada caso, pois Freud já nos advertia que

[...] a extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza

³⁶ LEGUIL, François. Clínica da Transferência. *A Entrada em análise e sua articulação com a saída*. Salvador: Fórum Iniciativa Escola Bahia: Campo Freudiano no Brasil, 1993, p. 62.

³⁷ FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud. Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1913/1969.

dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro que habitualmente é errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado.

Usar os termos que nomeiam este artigo no plural, os fins, os princípios e os meios, em detrimento do singular destes mesmos termos ou de outros, tais como “começo”, “meio’ e “fim”, aponta para pluralidade de sentidos que quero destacar nestas etapas da experiência analítica. No caso dos “meios” da psicanálise, saliento que o termo admite pelo ao menos dois significados importantes. O primeiro refere-se às palavras como meios para que uma experiência ocorra e o segundo, à etapa de uma análise que acontece entre o princípio e o fim. O tempo do “entre dois”, onde o manejo da transferência é fundamental para se alcançar o final.

Interessante notar que no desenvolvimento do artigo, optei, sem que soubesse, em desenvolver a etapa que aborda os meios por uma vertente puramente teórica. Somente em uma etapa posterior de revisão do artigo e sob observação da orientadora, me veio como um clarão o motivo para a dificuldade em escolher passagens de meu percurso ficcional para esta etapa: fui a filha do meio e enquanto tal, fui antecedida por uma filha mulher que recebera seu nome em homenagem às duas avós, seguida de um filho homem, tão desejado pelo pai que recebera seu nome. Ao nascer mulher, tornava-me mais do mesmo, levando minha mãe a ter que engravidar de novo em busca do filho desejado pelo pai, mas temido por seu receio que herdasse sua bipolaridade.

Nesse cenário, que lugar para mim? O não lugar ou o fora do lugar, pois ao ser a segunda deveria ter vindo homem, evitando a transmissão tão temida por minha mãe. Isso fez de mim uma criança solitária, demandante, mas fiel ao desejo, postura quase sempre interpretada como rebeldia. Uma frase do pai selava este “não lugar”: “Essa menina bateu na porta errada, só gosta de tudo que é bom!”. A consequência imediata deste “não lugar” foi uma atitude precavida no campo do amor, inclusive transferencial. Admirava colegas que apostavam todas as expectativas de tratamento de suas angústias na transferência, mas sempre me mantive distante e fóbica que ali, no enquadre analítico, pudesse ouvir o “aqui não é seu lugar”. O manejo cuidadoso do analista permitiu o atravessamento desta etapa intermediária

da experiência, etapa na qual estamos à mercê do tempo do Outro, me conduzindo ao final.

A psicanálise não opera com protocolos, mas com princípios desde Freud que, diante da impossibilidade de “mecanização da técnica”, propõe que falemos em “recomendações” para o início do tratamento e não em “regras”, o que faz da psicanálise um discurso cujo princípio maior é o respeito à singularidade de cada sujeito.

Lopes³⁸, seguindo o raciocínio freudiano, nos diz que “embora haja padrões técnicos não há uma única forma de usá-los”, aspecto, segundo ele, nada estranho para jogadores de xadrez. Esse autor ainda nos informa que “os amantes do jogo de xadrez sabem que as aberturas e os finais são quase que matematicamente calculados”. A abertura do jogo segue o estilo do jogador, deduzindo-se daí que “há um padrão, mas não uma única maneira de acessá-lo”. O autor citado continua sua interessante analogia, ao adentrar no conceito lacaniano de inconsciente estruturado como uma linguagem, para afirmar que o jogo de xadrez também é estruturado como uma linguagem: “Ele possui suas regras e relações sistêmicas internas, de modo que podemos concluir, no jogo, um comportamento linguageiro”. Decorre daí que, assim como o analista em sua função de dirigir um tratamento deve interpretar, sustentado na transferência, também ao jogador de xadrez cabe “não somente o cálculo de variantes, mas a interpretação posicional, talvez o maior desafio”. Lopes ainda teoriza que o meio do jogo do xadrez, é o momento no qual “a interpretação toma a tônica central, de modo que as peças adquiram múltiplas possibilidades, causando, no oponente, um desafio interpretativo [...]”.

De modo semelhante, o meio de uma análise requer do analista um maior manejo da transferência, conceito introduzido acima, e da interpretação, ferramentas do tratamento analítico indissociáveis desde Freud que, em 1913, já sinaliza a existência da transferência, recomendando que só se tratasse dela quando esta adquirisse a dimensão de uma resistência, e sua conexão direta com a

³⁸ LOPES, Marcos Alves. Psicanálise no jogo do Xadrez. Disponível em: https://noinconsciente.com/psicanalise-no-jogo-de-xadrez/?_gl=1*1q3e611*_ga*MzUxNTMyODcyLjE2OTA2MzI5Mjk.*_ga_R2YZNT20X9*MTY5MDYzMjkyOS4xLjAuMTY5MDYzMjkyOS4wLjAuMA..&_ga=2.216574934.1727365451.1690632929-351532872.1690632929. Acesso em: 22 maio 2023.

interpretação, que “está, sem dúvida, no princípio deste laço social que se chama ,uma análise...”, nos diz Miller³⁹.

Relembro as palavras de Freud: “Quando devemos começar a fazer nossas comunicações ao paciente? [...] A resposta a isto só pode ser: somente após uma transferência eficaz ter-se estabelecido no paciente [...]”⁴⁰. O referido texto é concluído por Freud com uma decisiva afirmação: “é por esta razão que nossa primeira comunicação deve ser retida até que uma forte transferência se tenha estabelecido. E isto, podemos acrescentar, vale para todas as comunicações subsequentes [...]”⁴¹.

Em direção contrária a Freud, Lacan defende a ideia de que é necessário a interpretação para instalar a transferência, tal como se dera na primeira sessão de análise onde ouvira: “A mãe fóbica transmitiu a fobia para você”. Com esta interpretação instalou o enigma, necessário para acontecer uma análise. Deste modo se até então, na lógica freudiana, era preciso aguardar a transferência para interpretar, Lacan vetoriza de modo inverso as relações entre interpretação e transferência, afirmando que a interpretação é que permite a instalação do amor transferencial.

Optei em articular os dois conceitos, transferência e interpretação, a partir do ano de 1964, quando a noção de inconsciente em Lacan já aponta para a dimensão da temporalidade enquanto contingência, já que o inconsciente nesta época é abertura e fechamento da cadeia significativa, o que é condizente com a perspectiva que me interessa aqui, que é fazer cortes epistemológicos na teoria lacaniana rumo ao final da análise associado à escolha pelo dispositivo do passe.

Jacques-Alain Miller, no ano de 1994, em curso intitulado *Donc*, nos descreve dois aspectos da entrada em análise: sua variedade, salientando que, “desde a entrada,

³⁹ MILLER, Jacques-Alain. Teoria de Turim: Sobre o Sujeito da Escola. *Opção Lacaniana* online nova série Ano 7, n. 21, nov. 2016.

⁴⁰ FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud. Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1913/1969, p. 182.

⁴¹ FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud. Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1913/19, p.187.

nenhuma análise se parece com outra”⁴², e que o término das análises depende do modo como se concebe sua entrada. Ali ele afirma que, apesar da variedade nas modalidades de entrada, “ há um acordo entre os analistas, um acordo que parece maravilhoso e que consiste em dizer que as análises sempre começam pela transferência”. Para Lacan não é diferente: a transferência tem lugar de destaque, ela é primária, desde que entendida como interpretação. Segundo Miller, “[...] a transferência redefinida por Lacan é a interpretação, enquanto dá significação de inconsciente a certo significante”. Tal afirmação de Miller está sustentada no matema que Lacan propôs para a transferência, qual seja:

$$\frac{S \rightarrow Sq}{S(S_1, S_2, \dots, S_n)}$$

Um entendimento breve desta fórmula é que o início de uma análise pode ser lido assim: embaixo da barra está a sequência de significantes que o sujeito vai colocar em associação a partir do encontro entre significantes: um do sujeito que vai em direção de um outro qualquer encarnado no analista.

Um modo singular de articular os meios de uma análise aos princípios visando ao final de uma análise nos é facultado por Miller ao interpretar este algoritmo proposto por Lacan:

O que é o significante da transferência? É aquele que a propósito do qual vocês se perguntam o que quer dizer – qualquer coisa que encontrem e lhes produza esse efeito –, e cuja significação lhes importa pois supõem que lhes diz respeito. Porque é um significante? Pode ser um acontecimento, uma pessoa, um dito, um fato, um pássaro, um poste,⁴³ mas é um significante na medida em que se perguntam o que quer dizer, e é o significante da transferência na medida em que vão buscar a resposta de um analista. Não é mais que isso: um significante que constitui para vocês um enigma de certo tipo e que os precipita ao de um analista.⁴⁴

⁴² MILLER, Jacques-Alain. *Cómo se inician los análisis?* In: _____. *Donc: la lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 284.

⁴³ Ibid. p.298. No original, em francês, *Un oiseau, un poteau* (um pássaro, um poste) é parte da série ordenada de exemplos usados para ensinar a formar o plural das palavras terminadas em *eau*. [Nota do tradutor do texto original em Francês para o Espanhol].

⁴⁴ Ibid.

Miller segue nos esclarecendo que, neste algoritmo, o analista é um significante qualquer ao qual aquele em angústia se dirige buscando a significação do primeiro. O que de inusitado encontrei nesta passagem é que, ao definir que a parte inferior da barrar compõe um saber suposto inconsciente, matéria que Miller denomina “enunciado indizível”, abre portas para a compreensão de que a transferência é a interpretação.

Cabe ainda esclarecer que o percurso de uma análise, do princípio ao final, deve fazer um bom uso do analista enquanto “meio de fazer o inconsciente passar do real ao simbólico”⁴⁵. Sim, iniciamos uma análise pelo sem-sentido do real, pelo sem sentido de uma formação do inconsciente, um lapso, um sonho ou como Miller dissera acima pelo enigma de um significante. Ao buscar um analista, encontra-se um “fale”, um “associe” que promove o sentido.

O manejo da transferência, contendo aí seu engodo, leva o sujeito de volta ao sem-sentido de onde partiu, mas agora tendo narrado sua história para um Outro. Advém daí a ideia de Lacan, segundo Miller, de que “a psicanálise se pratica aos pares. Isso quer dizer que, em vez de fazermos isso por nós mesmos, dirigimo-nos ao público encarnado em uma pessoa, da qual esperamos que edite nosso texto”⁴⁶. Decorre desta constatação que, ao final de seu ensino, Lacan definiu o Inconsciente como real, “o inconsciente, quando se despoja o que a atenção tece à sua volta, é real. Trata-se do inconsciente considerado ao pé das formações do inconsciente”⁴⁷.

Dizer que passamos do enigma à decifração no vocabulário freudiano equivale a dizer que passamos do inconsciente real ao inconsciente simbólico para a ele voltar; passamos da verdade ao encontro com a verdade em sua natureza de mentira e assim produzimos nossa *hystoeria* [*hystoire*], neologismo criado por Lacan que reúne história [*histoire*] e histeria [*hystérie*]. Encontramos, com este termo, o destino do conceito inaugural de Freud, descoberto contingencialmente, a transferência. “A transferência deixa de estar em primeiro plano e é incluída no conceito de histeria [...] o sujeito histórico, entendido como aquele que responde ao desejo do Outro, que

⁴⁵ MILLER, Jacques-Alain. O passe do *fallasser*. In: _____. *Aposta no passe seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise*. Organização e tradução Ana Lydia Santiago. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018, p. 118.

⁴⁶ *Ibid*, p. 113.

⁴⁷ *Ibid*, p. 111.

está conectado ao desejo do Outro.” Desse modo, na *hystoeria* “trata-se de uma história que responde ao desejo do Outro”⁴⁸.

O último texto de Lacan publicado na coleção *Outros Escritos* e intitulado Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*, será aqui usado como ponte de ligação entre os meios e os fins de uma análise, primeiro tópico deste artigo. Cito Lacan:

Quando o esp de um laps – ou seja, visto que só escrevo em francês, o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe consigo.

Mas basta prestar atenção para que se saia disso. Não há amizade que esse inconsciente suporte.

Restaria o fato de eu dizer uma verdade. Não é o caso: eu erro. Não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta.

O que não se impede que se corra atrás dela.⁴⁹

A este momento, instante final de um percurso analítico, só se chega quando não há mais nada a dizer do lado do analisante e nem a interpretar do lado analista. Momento onde reina o Um sozinho, onde não há parceria, onde ao se pensar que se está no inconsciente, não se está mais. O inconsciente real não admite amizade, é o que nos diz Lacan em 1976 em seu derradeiro texto. Ali, também afirma que designou por passe “essa verificação da historisterização da análise, abstendo-me de impor esse passe a todos, porque não há todos no caso, mas esparsos disparatados”.⁵⁰ O passe então fica “à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa”.⁵¹

⁴⁸ Ibid, p. 113.

⁴⁹ LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567.

⁵⁰ Ibid, p. 569.

⁵¹ Ibid.

ARTIGO 2

A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA: O QUE ESTÁ EM JOGO?

[...] nunca falei de formação analítica, falei de formações do inconsciente. Não há formação analítica. Da análise se depreende uma experiência, à qual é completamente errado qualificar de didática (Lacan, 1973/1981).¹

PARA COMEÇAR

Escolhi como epígrafe uma frase que, segundo Laurent, pode ser interpretada em dois sentidos:

Em um primeiro sentido, a frase de Lacan significa que o analista deve ser formado sobretudo compreendendo a retórica do inconsciente. Em um segundo, significa que isto deve ser feito com as formações de seu próprio inconsciente e, portanto, sobretudo ele deve se analisar.²

Segundo Miller, um dia alguém se aproximou de Lacan e, tentando agradá-lo, disse-lhe que ele era um psicanalista nato. Lacan declinou da homenagem. Miller nos relata que “lendo isto, no início dos anos 60, pensei na frase assinada por Lazare Carnot: ‘não nascemos revolucionários, nos tornamos um’. Se houvesse psicanalistas natos, não teríamos que formá-los, bastaria descobri-los³. Considero que esta ideia atende aos propósitos deste artigo, cujo objetivo é demonstrar que não há analista nato. Deste modo, sua formação é necessária, requer tempo e exige uma experiência com o inconsciente. A fonte que dá sustentação a tal objetivo é minha experiência analítica e o que dela pude abstrair em termos epistêmicos para minha formação, assim como o que busco transmitir, colaborando para a formação de outros.

¹ LACAN, Jacques. “Sobre la experiencia del passe, acerca de la experiencia del passe y de su transmisión”, 3 de noviembre de 1973. *Ornicar?*, Publicación periódica del Champ Freudien, Barcelona: Ediciones Petrel, 1981, p. 37. Tradução sob minha responsabilidade.

² LAURENT, Eric. Política do Passe e Identificação Dessegregativa. *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia, n. 82, 2020, p. 47.

³ MILLER, Jacques-Alain. Como terminam as análises: Paradoxos do passe. Tradução Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 399. Este texto foi originalmente publicado sob o título “Réponse à Che vuoi? sur la formation de l’analyste em 2021”. *Che Vuoi*, n. 15, julho, 2021.

A via é o relato desta experiência que, chegando ao final, levou-me, por escolha, ao dispositivo do passe. A ênfase deste artigo é, portanto, o caráter epistêmico, um dos eixos do tripé da formação analítica, tal como fora definido por Freud⁴ e reafirmado por Lacan, qual seja: seminários de formação teórica (para universitários); prosseguimento, pelo candidato a psicanalista, de uma psicanálise até seu ponto último (de onde provêm os efeitos de formação); e a transmissão pragmática da prática em supervisões (conversação entre pares sobre a prática).

Um outro objetivo decorrente do primeiro compõe este artigo: demonstrar a importância que tanto Freud quanto Lacan deram ao tema da formação analítica como via para defender e sustentar que a psicanálise tem um lugar na episteme contemporânea, mesmo considerando a valorização de teorias e práticas que apresentam ou prometem resultados imediatistas e superficiais, em detrimento de outras que priorizam narrativas, como a psicanálise.

Este artigo além de aprofundar o aspecto epistêmico da formação psicanalítica, abordará também a importância da supervisão para a formação do psicanalista, considerando a impossibilidade da transmissão que permeia o ato analítico, em sua natureza solitária. Cito Lacan: “O ato psicanalítico, ninguém sabe, ninguém viu além de nós, ou seja, nunca situado e muito menos questionado, eis que nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista”⁵. O ato analítico é aquele através do qual se decanta do sofrimento humano algo como um resto incurável, como nos lembrou Carrijo em 2021⁶.

A CORRERIA “DOS TEMPOS”

Os tempos correm, nos adverte Miller: “Que os tempos corram remete –o que devo dizer– ao movimento da civilização. Algo se acelerou na civilização, no nosso modo

⁴ FREUD, Sigmund. Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XVII, p. 217

⁵ LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969/2003, p. 371.

⁶ CARRIJO, Luiz Fernando. Disponível em: www.ebp.org.br. Acesso em: 24 ago. 2023.

de estar na civilização e de gozar na civilização.”⁷ Na sequência do texto, Miller introduz a “nova” dimensão do “novo”, que implica uma aceleração do tempo: “de agora em diante, as coisas se tornam antiguidades no lapso de um mês ou dois, algo se mede com o preço da revenda”. Que sobrevivência para a psicanálise neste cenário? Que sobrevivência para quem pratica “com os móveis da avó?” Miller refere-se aqui ao divã , à poltrona. Neste sentido, somos antigos...

Em contrapartida aos valores atuais que medem a imagem dos semelhantes através dos “novos” *gadgets*, o verdadeiramente novo para o psicanalista na atualidade é o predomínio, excessivo, do gozo. Em um dos seus textos inaugurais, Lacan adverte: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época⁸. Para seguir tal recomendação, retomo aqui a noção de desenvolvimento a partir do argumento tecido por Jacques-Alain Miller⁹

O novo introduzido por Lacan, ou ao menos destacado por ele, foi demonstrar que no campo da linguagem o desenvolvimento cede lugar à história. [...] a oposição desses dois termos [...] evidencia que no campo da linguagem não se trata de um processo objetivo [...], de uma simples maturação, como nas plantas [...]. Opor desenvolvimento e história não quer dizer que não há nada de maturação [...] mas que o próprio processo inclui um sujeito, no sentido que subjetiva, que cada dado objetivo ou cada fato inclui um sujeito que dá sentido ao ocorrido.

Um fator a se acrescentar à argumentação de que no campo da linguagem o desenvolvimento cede lugar à história, é que nas etapas de estruturação do ser falante, o processo de comunicação, assim como o ambiente e os laços sociais são fundamentais tanto para a formação psíquica quanto para a abordagem clínica com sujeitos em sofrimento. Em texto sobre a atualidade da psiquiatria infantil, Ligia Gorini argumenta, com clareza, a inquietação contemporânea aqui abordada, que pode ser lida como as relações entre a natureza dos sintomas na atualidade e a dimensão da temporalidade:

A substituição gradual das classificações nosográficas clássicas pelos diagnósticos estatísticos, e conseqüentemente o das doenças

⁷ MILLER, Jacques-Alain. Los Tiempos que corren. *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 14-15.

⁸ LACAN, Jacques. Função e Campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 322.

⁹ MILLER, Jacques-Alain. Apertura de las II Jornadas Nacionales. In: *Desarrollo y Estructura em La Dirección de la Cura*. Buenos Aires: Atuel, 1993, p. 204. Tradução sob minha responsabilidade.

mentais pelas desordens ou transtornos mentais – promoveu uma baixa do limiar de tolerância ao sofrimento. A fronteira não está mais entre o normal e o patológico, mas entre o normal e o ótimo, abrindo um amplo campo de melhoria e culto à performance. Contudo, quando se trata de otimizar ou de melhorar as performances de um sujeito, a psiquiatria é particularmente tocada. *Pode-se sempre fazer melhor*, segundo o dito popular, tornou-se o paradigma do aprimoramento. O uso indevido da Ritalina como ‘droga dos exames’ diz muito.¹⁰

Um dos componentes dessa performance contemporânea é a relação com o tempo, como destaquei acima. Acompanho as teorizações de Ansermet, que adverte:

O que caracteriza o simbólico no Século XXI é inscrever-se numa nova relação ao tempo: um tempo do tudo, tudo imediatamente, que está junto a uma hiperatividade generalizada e uma atenção dispersa, difratada, fora do tempo. Em ressonância com esse tempo hiper-moderno, não é surpreendente que a hiperatividade e o déficit de atenção tornem-se distúrbios predominantes, paradigmáticos do mundo tal com ele se torna. Resta para a psicanálise pensar uma conduta do tratamento capaz de receber um sujeito levado na precipitação do tempo.¹¹

A precipitação do tempo cronológico leva ao encurtamento do tempo de compreender e à consequente opacidade do desejo. Tudo isso em nome, por um lado, do imperativo de satisfação pulsional e, por outro, do alcance da performance, que deve atender a protocolos e padrões sociais de competência. Segundo Ansermet¹², “O tudo, imediatamente, constitui o próprio do mundo contemporâneo, que é aquele do direito a um gozo sem limite, sem demora, sempre maximal, e que se reivindica como que um direito a satisfação”. Ainda seguindo Ansermet,¹³ “O hiperativo está num imediato permanente. Um tempo ilógico, um tempo sem lógica temporal. O hiperativo está sem tempo lógico, ou melhor, em um tempo lógico remetido ao instante de ver [...]” Nesse cenário, não só proliferam quadros de hiperatividade e déficit de atenção como também aumentam os índices de tentativas de suicídio e até mesmo seu sucesso como ato sem retorno. Destaco ainda o

¹⁰ GORINI, Lúgia. Une marge de manoeuvre. La psychiatrie affolée. *Horizon 64, Confluents 72/ Envers de Paris*. Disponível em: <http://enversdeparis.org/librairie>. Acesso em: 12 fev. 2020. Tradução sob minha responsabilidade.

¹¹ ANSERMET, François. Tudo, imediatamente. *Correios: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, n. 70, 2011, p. 27.

¹² Ibid, p. 28.

¹³ Ibid, p. 30.

aumento acelerado de quadros depressivos que, para a psicanálise, incluem o tédio e a tristeza.

Tais advertências permitem assinalar que o analista do século XXI não pode estar alheio aos avanços das ciências e da tecnologia, responsáveis pelo advento do tempo virtual, que promoveu uma nova relação com as estruturas temporais ao instalar a pressa e a busca por resultados imediatos como modelos a serem alcançados. A partir das observações clínicas, identificamos não só que os sintomas atuais divergem daqueles da era freudiana, como também que, na contemporaneidade, há uma fixação no instante de ver, em prejuízo das etapas que constituem o tempo de compreender e o momento de concluir, momentos do tempo lógico introduzido por Lacan em seu texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”.¹⁴

O resultado deste panorama traz consequências para o cotidiano da vida e para a *práxis*¹⁵ na qual têm sido frequentes os quadros de inibição, muitas vezes tratados como atrasos no desenvolvimento, sobretudo na área escolar ou – como nos adverte Ansermet¹⁶ – de sintomas que mais se assemelham a sistemas de gozo que a sintomas destacados do mundo simbólico, como articulava Freud. Não é demasiado lembrar que tais modalidades de sintomas atendem ao ideal do controle do comportamento humano que se constitui como meta social no século XXI, tendo como base o fato de sintomas psíquicos e angústia serem intoleráveis para a sociedade da eficiência. Há também efeitos que afetam a natureza dos laços sociais e amorosos, impregnados por uma liquidez geradora de solidão e desamparo, conforme Bauman.¹⁷

Neste cenário, um indicativo de resposta à questão acima levantada sobre qual o lugar da psicanálise em tal panorama é advogar a ideia de que existem

¹⁴ LACAN, Jacques. O Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁵ Para precisar o uso do termo *práxis*, remeto à definição de Lacan, no *Seminário 11*, p.14: É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico.

¹⁶ GORINI, Lígia. Une marge de manoeuvre. La psychiatrie affolée. *Horizon 64, Confluents 72/ Envers de Paris*. Disponível em: <http://enversdeparis.org/librairie>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

manifestações sintomáticas advindas da singularidade do sujeito na sua relação com o tempo, por exemplo, e não somente oriundas de disfunções orgânicas ou das exigências do discurso capitalista.

Espero, ao propor uma perspectiva não fenomênica nem sociológica do sofrimento humano, promover um questionamento sobre a tendência à patologização e a medicalização, prevalentes na contemporaneidade, priorizando leituras que privilegiam a implicação e a autonomia do sujeito frente ao que lhe ocorre. Cabe ao psicanalista, através do desejo do analista, fazer frente à avalanche de terapêuticas que, ao contornar o real, propõem soluções imediatistas e protocolares ao sofrimento humano.

Compartilho a leitura que nos fornece Barros¹⁸ sobre os tempos que correm, a partir do texto de Freud, “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, em relação ao capitalismo. É interessante notar – no trecho que selecionei do texto de Freud –, como o “apressar”, o “é tudo para já” e a evitação do intervalo, estavam aí desde os primórdios do capitalismo, desde 1893, época do texto freudiano. Barros nos adverte, seguindo Miller em seu curso “Todo mundo é louco”, que o que varia é a duração deste “já”. “Em 1848 ‘já’ se traduzia talvez em meses. Em 1893 (época do texto de Freud) em dias. Na atualidade, ‘já’ se conta em minutos ou segundos.”¹⁹ Barros prossegue argumentando que, seja qual for a duração deste “já”, sempre será lenta para a sede de consumo imposta pelo capitalismo. Ao psicanalista cabe recomendar o intervalo, para que o sujeito não seja absorvido inteiramente pela gulodice sugestiva do capitalismo. Acompanhemos Freud, ao citar as observações do “eminente observador” W. Erb (1893):

O problema está em determinar se as causas da doença nervosa que lhes foram expostas estão presentes na vida moderna num grau suficientemente elevado para explicar o incremento dessa doença. A questão será respondida afirmativamente, sem hesitações, se fizermos um rápido exame de nossa vida moderna e de seus aspectos particulares.

A simples enumeração de uma série de fatos gerais já demonstra claramente a nossa proposição. As extraordinárias realizações dos tempos modernos, as descobertas e as invenções em todos os setores e a manutenção do progresso, apesar da crescente competição, só foram alcançados e só podem ser conservadas por

¹⁸ BARROS, Marcelo. *Anatomía de la Modernidad*. Olivos: Grama Ediciones, 2021, p. 47-8.

¹⁹ Ibid.

meio de um grande esforço mental. Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo, e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las. Simultaneamente, em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu camadas da população a que até então era totalmente estranho... o incremento das comunicações resultante da rede telegráfica e telefônica que envolve o mundo alteraram completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação... a vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquila.²⁰

A FORMAÇÃO DO ANALISTA E O IMPOSSÍVEL

É importante ressaltar que, independentemente dos tempos que correm, a formação do analista tem como sustentáculo um impossível, já que parte do real que não se inscreve, nem admite ser circunscrito. Tal constatação justifica seu distanciamento dos parâmetros da universidade ou das Sociedades de Psicanálise, sustentadas em hierarquias e poderes e em um saber de natureza toda, que não admite furos. Uma formação que tem como base o real é aquela que parte de um furo no saber.

Lacan na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” ao afirmar que o “psicanalista só se autoriza de si mesmo” adverte que “isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação” e que “existe um real em jogo [...]”²¹ nesta formação. Todavia, a contemporaneidade e seu estilo lançam um desafio à psicanálise: o de manter-se viva e de interesse público no contexto acima descrito. Laurent destaca o lugar central que a Escola de psicanálise do Campo freudiano tem neste contexto:

[...] Ao contrário, temos reforçado a Escola como estrutura de interesse público. Foi nesse espírito que surgiu a Universidade Popular Jacques Lacan. A Escola, importante para o interesse público, ‘reconhecida como utilidade pública’, encontra-se reforçada para a sua nova missão, de se encarregar do *déficit* do ensino universitário.²²

²⁰ FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IX, p. 188-189.

²¹ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: _____. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p 248-9.

²² LAURENT, Dominique. A Psicanálise e seu Ensino Explícito. *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, julho 2018, n. 79, p. 4. A Universidade Popular Jacques Lacan foi criada em 8 de novembro de 2008 em Paris. Instituição sem fins lucrativos sediada em Paris, tem por objetivo ser um polo de ensino que reúne, sob seus auspícios o Departamento de

O destaque dado ao lugar da Escola na formação do analista deve-se ao fato de que Lacan, em 1971, ao fundar uma instituição de psicanálise, cujo objetivo maior era restaurar a “sega cortante” da verdade instaurada por Freud, escolheu denominá-la por Escola e não por Sociedade ou similar. Adverte que o termo “[...] deve ser tomado no sentido em que, em tempos antigos, significava certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já então se podia chamar de mal-estar na civilização”²³. Trata-se da Escola Francesa de Psicanálise, posteriormente denominada Escola Freudiana de Paris, pois, nos lembra Lacan, “a Escola afirma-se antes de tudo freudiana” e seu desafio maior é salvaguardar a mensagem de Freud, por muitos desviada.

Em segundo plano, destaco que toda minha formação como psicanalista se deu no Campo Freudiano, inicialmente na Clínica Freudiana que se dissolveu para dar existência à Escola Brasileira de Psicanálise, uma das sete Escolas da Associação Mundial de Psicanálise, criada no rastro do desejo de Lacan de restaurar a verdade do ensino de Freud, onde estou até hoje e em formação permanente. Como o material clínico deste artigo é oriundo de minhas experiências de análise, cuja direção seguiu a orientação lacaniana, a mesma dos analistas que as conduziram, considero justificado o destaque dado às iniciativas que as Escolas do Campo Freudiano tem tido, na defesa da psicanálise, seu ensino e seu discurso, na atualidade.

A SUPERVISÃO COMO ZONA LIMÍTROFE

No ano de 2018, Rômulo Ferreira da Silva, também membro da Escola Brasileira de Psicanálise, praticante da psicanálise na cidade de São Paulo defendeu uma tese de Doutorado no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8, intitulada “A Supervisão (controle) na Formação do Psicanalista. Segundo o autor, a defesa de sua tese adquiriu, pelo modo que foi conduzida pela orientadora e pela banca, “[...]”

Psicanálise, as seções clínicas, o Colégio freudiano para formação permanente, L’Envers de Paris e os Grupos do Campo freudiano. Todos sob o mesmo chapéu, nos diz Miller, mas protegendo seu funcionamento e autonomia.

²³ LACAN, Jacques. Ato de Fundação. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 244.

ares de uma verdadeira conversação de orientação psicanalítica sobre a supervisão.”²⁴

Este trabalho interessa diretamente aos propósitos deste texto, pois Silva apresenta uma concepção inovadora da supervisão que a aproxima do passe, dispositivo de verificação do final de análise, central neste artigo. Podemos pensar que o passe é um dispositivo de verificação, de controle do final da análise, daquele que se submete a tal procedimento, ao estilo do que acontece entre um supervisor e supervisando.

Uma vez que o eixo norteador do meu trabalho é a experiência analítica, não desenvolverei um estudo aprofundado do tema; teço apenas algumas considerações fundamentais como: a diferença entre supervisão e experiência psicanalítica e entre supervisão e construção do caso clínico. Em linhas gerais, seguirei a argumentação de Santiago na apresentação do livro de Silva ao diferenciar supervisão e experiência psicanalítica: “[...] a supervisão permite o controle da relação do praticante com o discurso, porém não é sua função produzir o psicanalista”. Esta definição de supervisão vai além de esclarecimentos a cerca dos empecilhos próprias da prática clínica ordinária, a inscrevendo como “elemento da formação do analista”, esclarece Santiago. “A supervisão deve incidir sobre o supervisionando, sobretudo quando a posição subjetiva deste se apresenta em dificuldade para a leitura do caso e para a conseqüente produção do ato analítico.”²⁵ É justamente esta incidência que a diferencia da construção do caso clínico no qual está muito mais implicado o saber técnico que envolve por exemplo, questões diagnósticas ou questões do manejo das especificidades da técnica psicanalítica, que a subjetividade do praticante. Silva salienta, entretanto que nada impede que questões desta ordem habitem uma supervisão, mas não recomenda que se resuma a isto, com o risco de se deslocar do campo da *psicanálise pura*, onde Lacan a situou em seu *Ato de fundação*, para o da “aplicação terapêutica”.²⁶

²⁴ SILVA, Rômulo Ferreira da. Nota do autor. In: _____. *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

²⁵ SANTIAGO, Jésus. Apresentação. In: SILVA, Rômulo. *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019, p. 7-8.

²⁶ Ibid. p.9.

Considero também que tecer ideias sobre a prática da supervisão é um bom caminho para se defender o lugar da psicanálise, ideia adotada por Alberti no prefácio do livro de Silva, ao afirmar que discutir a questão da supervisão no âmbito clínico, político e ético é um dos caminhos para se defender o espaço da psicanálise em um campo clínico que as práticas protocolizadas querem dominar. Trata-se de cuidar “da garantia da prática da psicanálise, que está longe de ser dominante”, pela própria natureza do discurso analítico que tem por agente o *a*. A autora prossegue sua argumentação lembrando que

Lacan trabalhou muito para fazer existir a psicanálise no presente, nas condições do presente, para se colocar no passo da época, no gosto dos homens de hoje, da subjetividade própria ao momento atual. É essa orientação que deve guiar nossa reflexão sobre a garantia. Parece importante situar o contexto no qual se desenvolve a formação dos analistas, caso queiram ofertar uma formação que esteja a altura da época.²⁷

Ela dá continuidade a seu argumento destacando que é importante “situar a garantia na cidade que nos cerca, no lugar de um campo institucional mais amplo (educação, saúde, universidade), onde as lutas para que subsista uma referência à psicanálise estejam em vias de se instalar duravelmente.”²⁸

As observações de Alberti são compatíveis com a justificativa desta tese que busca demonstrar a importância da experiência analítica para a formação do psicanalista e conseqüentemente dos profissionais que escolherem a psicanálise para orientar sua *práxis*. Ao garantir o rigor da formação dos psicanalistas, garantimos também o lugar desta *práxis* na atualidade.

DO QUE ME SERVI DE MINHA ANÁLISE PARA MINHA FORMAÇÃO

No ano de 2002 a Associação Mundial de Psicanálise reuniu-se em Bruxelas para discutir a formação dos psicanalistas a partir de um Congresso intitulado: “Os efeitos-de-formação na psicanálise: seus lugares, suas causas, seus paradoxos”. Miller destaca que a ênfase recaiu sobre o efeito-de-formação, aspecto também destacado aqui . Cito Miller:

²⁷ ALBERTI, Christiane. Se formar, se flexibilizar. In: SILVA, Rômulo. *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Belo Horizonte: Relicário, 2019, p. 11-12.

²⁸ Ibid.

Destacar o efeito-de formação é admitir implicitamente que não há automatismo da formação analítica; não encontraremos um mecanismo; nós não o buscamos; damos lugar à contingência. Por isso, o subtítulo indica não somente 'suas causas', mas também 'seus lugares', deixando aberta a questão de saber onde, em quais lugares, se efetua a formação.

A contingência como a multiplicidade das causas e dos lugares de formação, a complexidade da articulação deles possibilitam o presságio de que será encontrado no efeito um caráter paradoxal; por isso é que mencionamos igualmente no subtítulo: 'seus paradoxos'.²⁹

Ele ainda argumenta que, se há “efeitos-de-formação” é porque não há uma única causa para a formação analítica, o que não impede de localizarmos a questão da causa da formação na análise do praticante, na supervisão e no ensino, para citar algumas.

Encontramos neste ponto o tripé proposto por Freud em 1919 em seu texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”³⁰, o que corrobora minha afirmação de que tanto Freud quanto Lacan, cada um a seu estilo, ocuparam-se profundamente da singularidade da formação do psicanalista. Cabe lembrar que tal formação, se não tem protocolos universais, tem características próprias, tais como a citada por Miller: “a questão da formação é sempre mais sutil quando seu fim não é somente o de obter a aquisição de saberes, mas também o aparecimento de certas condições subjetivas, uma transformação do ser do sujeito”.³¹ Segundo Miller, está aí a razão de Lacan colocar “no centro da formação do analista sua própria análise”.³² Trata-se de uma zona *êxtima* que com seu final denominado passe, singulariza a formação do analista. É em torno da experiência e a partir dela que a *episteme*, os demais saberes e o ensino são “susceptíveis de encontrar uma nova gravitação”³³. A supervisão, faz uma fronteira entre a experiência e os saberes clínicos.

No ano de 1975, em texto intitulado “Talvez em Vincennes...”, Lacan nos disse: “Talvez em Vincennes venham a se reunir os ensinamentos em que Freud formulou

²⁹ MILLER, Jacques-Alain. Para Introduzir o efeito de formação. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 37, 2002, p. 8.

³⁰ FREUD, Sigmund. Sobre o Ensino da Psicanálise nas universidades. In:_____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (1917-1919/1976)*, Rio de Janeiro: Imago, v.XVII.

³¹ MILLER, Jacques-Alain. Para Introduzir o efeito de formação. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 37, 2002, p. 10.

³² MILLER, Jacques-Alain. *Ibid*, p. 12.

³³ MILLER, Jacques-Alain. *Ibid*, p. 13.

que o analista deveria apoiar-se, reforçando ali o que extrai de sua própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu”.³⁴ O lugar que Lacan dá à experiência psicanalítica é central, pois, segundo ele, os saberes têm a oportunidade de se renovarem a partir dela.

A pergunta central que doravante desenvolverei gira em torno da história de minha formação psicanalítica, dos avanços e torções que pude fazer na condução das experiências analíticas que conduzi, sempre a partir do que a análise me permitia elaborar sobre o gozo opaco dos restos sintomáticos.

O ano de 1981 foi um ano marcante em minha formação, pois dois fatos cruciais e decisivos ocorreram: meu reencontro com a psicanálise e a entrada no curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. As disciplinas me entediavam, mas pela força do supereu, sempre marcante em minha história, eu prosseguia. Até que se deu o vivificante reencontro com a peste austríaca. Digo reencontro, pois o encontro com a psicanálise se dera em um tempo que não sei precisar cronologicamente, mas que fora marcado pelo olhar curioso de uma criança inquieta, que descobriu na estante do pai, livros de Karen Horney, Erich Fromm e outros. Anos depois, já na maturidade, pude entender que o pai buscava na psicanálise outras respostas que aquelas propostas pela Psiquiatria clássica, para o mal-estar psíquico que o atingiu na idade adulta.

Em meu primeiro testemunho do passe, relatei que no final dos anos 1980 tive meu primeiro encontro com um analista em Salvador/Bahia, onde vivo. A orientação desta análise já era lacaniana, o que influenciou, fortemente, minha formação como analista, corroborando a ideia de que o que há de didático na psicanálise é a própria experiência de cada um, quando o sujeito se deixa ensinar pelo que experimenta e pelas contingências que permeiam o ato analítico. Também neste testemunho, relatei que a decisão de deixar a primeira análise se deu com a interpretação: “Não adianta trabalhar tanto para fazer Um”. O analista apontava ali uma orientação ao Real do “não há relação sexual” com a qual tive que me haver nos 18 anos que se seguiram entre esta análise e a terceira, que me levou ao final. Cabe aqui salientar que a concepção que tínhamos do real nesta época não é a mesma que temos hoje,

³⁴ LACAN, Jacques. Talvez em Vincennes... In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

quando nos debruçamos sobre o último ensino de Lacan à luz dos ensinamentos de Miller e de novos atravessamentos da cultura. Mas como em psicanálise o avanço da teoria não anula conceitos anteriores, mantenho o dito, guardando as concepções teóricas da época.

Entre a primeira e a terceira análise, quando decidi que atravessaria o Atlântico para me analisar, tive um encontro com uma analista, escolha sustentada na fantasia imaginária que falar para uma mulher de alguns assuntos seria mais fácil. Assuntos que tocavam na sexualidade, na feminilidade. Tal encontro se deu em um momento de crise no Campo Freudiano, momento no qual a analista em questão se desligara da comunidade analítica que eu já havia escolhido me engajar. Decidi que não sairia da análise por questões institucionais. Entretanto, em um encontro na Bahia, a analista me pressionou por um posicionamento institucional, tocando em minha inibição intelectual, em meu sintoma. A transferência, já negativa, foi abalada e não fui mais à análise.

Hoje, em um momento pós-analítico, posso afirmar que buscava na analista, respostas sobre meu ser de mulher, sobre os signos da feminilidade, tão intoleráveis para mim na infância e na adolescência. Buscava um Outro que pudesse ler os significantes recalcados que, muito cedo, no campo da sexualidade, afetaram meu corpo com um excesso de menos. Entretanto, o que encontrei, foi uma nova figura do supereu materno, o que impediu a continuidade da análise ao favorecer o malogro da transferência. Nada é fácil quando o manejo da transferência é malogrado, lembrando com Freud que ela é, ao mesmo tempo, o que alavanca e o que atravanca um tratamento. Esta experiência adquire aqui importância para demonstrar que há uma intrínseca relação entre o percurso analítico e a vida institucional na Escola, no meu caso.

Em 1999 a chama da transferência analítica, abalada por este mau encontro, reacendeu-se com o primeiro encontro com meu terceiro analista que já sinalizava a dureza do supereu em minha história, ponto de intersecção entre o final da análise e seu começo. Ao longo da análise o “tem que”, um dos modos *princeps* de comparecimento da rigidez e exigência superegoica na minha história, constituiu-se na música de fundo dos quase 30 anos de experiência analítica.

Como consequência, a relação com o momento de concluir o que quer que seja quase sempre foi marcada pela exigência do supereu: “tem que terminar!”. Em raras ocasiões, não cheguei ao final de algo que empreendi. No caso de minha análise, além da inibição intelectual, consequência direta da fixação do significante “burra”, o laço libidinal com a indecisão postergou o encontro com a contingência, aquilo que, enfim, parava de não se inscrever. O laço com o analista foi-se desfazendo aos poucos. Hoje posso dizer que também foi se enganchando aos poucos, devido, sobretudo à leveza do analista no trato com meus sintomas, manejo da transferência no início que me levou ao final.

Na vida profissional, a determinação foi a marca registrada. Desde muito cedo sabia que queria me dedicar à prática analítica e, paralelamente, ter uma vida acadêmica. Desta lógica fizeram parte um Mestrado concluído e um Doutorado em curso. Nada de concurso, nada que me tirasse da prática clínica. Transmito a Psicanálise na Universidade, sempre de modo “paralelo” e secundário à prática analítica. Cuidar do outro em minha família é algo que já alcança a terceira geração, a do meu filho. Minha mãe foi a que “cuidou” dos 10 irmãos por ser a filha mais velha, minha irmã é médica e eu psicanalista, e a terceira geração aqui representada por meu filho, artista de circo contemporâneo que, com sua arte, cuida dos corpos desencontrados e doloridos.

Para tratar a força deste supereu, necessitei de anos e de uma intervenção marcante do analista. Por ser muito silencioso, qualquer pontuação dele adquiria valor interpretativo: “o *il y faut* [tem que] é a música de fundo de sua vida. Só você pode parar isto”. Com esta intervenção aprendi que para que a força do supereu ceda é necessário seguir a via do desejo. Ao final, pude entender que não nos livramos dos imperativos superegoicos, mas podemos arrefecer a força que têm sobre nossas ações e aprender que esta e outras constatações que relatarei fazem do ato analítico um fracasso, como nos advertiu Lacan. O ato fracassa em higienizar o gozo, tanto na tentativa de eliminar seus brilhos fálicos, quanto no que dele permanece em sua vertente de opacidade.

Ao elaborar, aqui, novas versões dos testemunhos já apresentados, pude me dar conta de que a escolha por fazer análise em francês se dera, inicialmente, pela via

do supereu e das marcas traumáticas do infantil, que constituem o sintoma com o qual fazemos parceria ao longo de toda a vida.

O LUGAR DO INFANTIL

Quando criança, em torno dos 9 anos, tive meu primeiro contato com a língua francesa, através de uma professora dura, de voz firme e superegoica. O horror à língua francesa nascera ali, de mãos dadas com o horror de ser tratada mal pelo outro, aspecto que tive diversas declinações e que foi o centro dos eventos que antecederam o final da análise. Minha relação com a língua francesa deslizara do horror ao amor à língua que escolhi para aprender na adolescência.

O que há de sintomático neste evento? A primeira analista francesa que escolhi era uma representante do supereu materno como havia sido a professora da infância, por quem me sentia “mal tratada” e considerada “burra” e, sem que eu soubesse, fui em busca daquilo que mais me causava horror: ser tratada mal. Enveredei por mais uma tentativa neurótica de eternizar o tempo, através da repetição. Miller nos alerta que “A temporalidade da repetição é sempre uma temporalidade da primeira vez”.³⁵

O segundo analista escolhido, aquele que conduziu minha análise até o final, foi o representante de um acolhimento transferencial, que me deu garantias de que, apesar de francês, não me trataria mal. Este manejo transferencial me permitiu o deslocamento durante 18 anos do Brasil à França. Importante ressaltar que a dita “garantia” não incluía nenhum sentido ou extensas cadeias de significantes, mas um “*mais oui*”, uma concordância que apontava para um “fale”, para um bem dizer.

A ESCOLA

Retomando meu percurso, lembro que em 1983 surgia a Clínica Freudiana, instituição que representava o Campo freudiano na Bahia e da qual, além de estar

³⁵ MILLER, Jacques-Alain. El estatuto del Inconsciente. In: _____. *Los Usos Del Lapso*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 113. Tradução sob minha responsabilidade.

desde sua fundação, fui membro até sua dissolução, que ocorreu para o surgimento da Escola Brasileira de Psicanálise.

Em 1995, no Rio de Janeiro, no charmoso Hotel Glória nascia a EBP: Escola Brasileira de Psicanálise! Eu lá estava com meus 33 anos de idade. Jovem e absolutamente capturada pela Psicanálise. Em 1997, inaugurava minha relação com o dispositivo do passe, pois entrei como membro da EBP pela via do “passe de entrada.”³⁶ Naquela altura deveria dar provas do consentimento ao Inconsciente e de que ali havia uma analisante, dar provas da originalidade deste inconsciente singular, que me constituiu como sujeito. Era isto o esperado do “passe de entrada”. No final dos anos 1990, fui indicada por meu primeiro analista para ser passadora bilíngue; depois, quando o dispositivo do passe se instalou na EBP, permaneci nesta função. A partir deste trabalho, recebi o convite para compor o cartel do passe, sedimentando minha relação com o dispositivo. O passe clínico sempre esteve no horizonte de minha análise e quando iniciei minha terceira experiência, a que me levou ao final, cuidei de documentá-la, através da escrita, desde o primeiro encontro em 1999. Hoje, posso afirmar que, “a pasta”, que continha todo meu percurso analítico carregava também minha escolha pelo passe e meu desejo de que, pela formalização de minha experiência, outros possam aprender e se animar em suas elaborações, contribuindo assim para o trabalho de Escola. Minha relação com “a pasta” configurou para mim, no ‘só depois’, que aquilo que mais temia, a escrita, era o que mais permeava minha análise. Sessões e mais sessões registradas pode ser tomado como um tratamento à inibição?

O que espera uma Escola de um AE? O que pode um AE transmitir a outros saberes, como o universitário, de modo a que possa contribuir na formação de outros? Tomo como apoio o que me ensinou Laurent:

Que dê testemunho de sua experiência: no tratamento, no dispositivo do passe, em sua experiência do ato, naquilo que aprendeu com a experiência. A Escola quer aprender com o que ele aprendeu. Aprender dele, desvencilhar-se da falsa universalidade da regra e aprender com a particularidade do ato que sempre é falha, rasura,

³⁶ Nos anos 1990 havia duas possibilidades de entrar para a Escola de Lacan: pela via do trabalhador decidido, dando provas de seu trabalho pela causa analítica ou pela via de demonstrar ser um analisante, o que se denominou de “passe de entrada”. O funcionamento do passe de entrada é análogo ao passe final, sendo que no primeiro o que está em questão é o início da análise e no segundo, o final.

destituição e incompletude. Pode-se dizer que o AE descompleta a Escola, onde ela poderia fazer grupo, onde ela poderia fazer série.³⁷

Segundo Frediani³⁸, com o passe, as experiências de análise e de Escola se conectam, através da transmissão do privado ao público, o que, segundo Lacan, compõe a experiência de passe. Como diz Laurent acima, “[...] a Escola quer aprender com o que ele aprendeu”.

O ponto de junção, no meu caso, entre as duas experiências é demarcado pelo sintoma da inibição intelectual, advindo da fixação do significante “burra” e da parceria com a idealização. O resultado final desta equação repercutia, sobretudo, na dificuldade em formalizar, através da escrita, o saber que advinha da condução das análises em minha prática clínica. Não me autorizava a escrever ou até mesmo tomar a palavra em momentos de encontros com meus pares que, para mim, sempre idealizados, sabiam mais do que eu.

Dois fatores foram cruciais para ir, aos poucos, tecendo uma solução singular, para os impasses que o circuito do gozo me impunha, especialmente no âmbito da transmissão. O primeiro se apoiava na aversão ao discurso familiar do sacrifício, alicerçado na frase materna, “tudo é difícil para nós” e foi fundamental na minha relação com a Escola e com o saber, pois meu trabalho por ela e para a Psicanálise fora orientado pelo fio do desejo e da escolha, constituindo um território protegido dos imperativos superegoicos.

O LUGAR DA PAIXÃO

De modo prioritário, transmito a psicanálise a partir da paixão por ela e pela vida. Paixão, significante que, cernido pelo analista, me representa em meus laços sociais, incluindo aí a comunidade que compõe a Escola de Lacan. O segundo fator, acima referido, diz respeito ao apego resistente ao programa de gozo comandado pelo significante “burra”. Quando este cedeu espaço para algo do novo advir, a idealização que me acompanhou durante um longo período de minha vida

³⁷ LAURENT, Eric. O que a Escola espera de um AE. *Opção Lacaniana: revista brasileira internacional de psicanálise*. São Paulo: Eolia, n.15, 1996, p. 3.

³⁸ FREDIANI, Marta Serra. El Psicoanálisis y la Escuela. In: *El Psicoanálisis en Singular: Un recorrido*. Espanha: Ned Ediciones, 2021, p. 157-166.

alimentando a inibição intelectual, consinto em ser como posso: inquieta, dispersa, mas que avança frente ao modo como a vida comparece: “tudo junto e misturado!” Invenção singular que dava um lugar ao simples, costurando os retalhos da minha vida que adquiriam então a forma de uma colcha, tecida agora pelo fio do desejo, em detrimento da monotonia da fantasia. Os efeitos desta solução analítica se fizeram presentes também no âmbito da transmissão aos meus pares e aos jovens que se aproximam da EBP, pois passei a me permitir uma maior exposição ao meu estilo apaixonado como ressaltai acima, do que em mim ressoava da teoria psicanalítica em conexão com a prática clínica.

A CLÍNICA COM CRIANÇAS

Destaco aqui o lugar da clínica com crianças tanto em minha formação quanto na contribuição à formação de outros, no âmbito das especificidades desta clínica. A meu ver, trata-se de uma experiência à qual todos que se pretendem analistas devem vivenciar, como nos advertiu Laurent³⁹, visto que é na infância que os sintomas se cristalizam, advindo daí a importância da leitura do infantil, no caso a caso, para a formação do analista, como exemplifiquei acima tomando como exemplo minha relação com a língua francesa. Acrescento ainda a importância da escuta das crianças enquanto sujeitos que falam e que podem, sob transferência, construir suas ficções como protagonistas de sua história, orientadas pelas leituras que um analista possa fazer de seus encontros com o real. Cabe ainda ressaltar que, do lado do analista, ao deixar-se ensinar pelas crianças e ao fazer um bom uso das contingências que a experiência com o infantil nos brinda, está cuidando de sua formação, que não advém de outro lugar que não do Inconsciente, política da psicanálise. No meu caso, a fobia infantil aproximou-me do sofrimento das crianças, via pela qual iniciei a *práxis* analítica.

O BOM USO DA CONTINGÊNCIA

³⁹ LAURENT, Eric. La incidencia del Psicoanálisis con niños en el psicoanálisis con adultos. In: *Hay un fin de análisis para los niños*. Buenos Aires: Colección Diva, 1991/2003.

No que se refere ao bom uso da contingência, gostaria de expandir a importância do consentimento a tal modalidade temporal durante o percurso analítico e salientar sua importância na vida e para se chegar ao final de uma análise, como destacado no início deste artigo.

O ano era o de 2015 e, naquele ano, estive em Paris duas vezes, acompanhada, como de costume, por uma enorme angústia. Ano do recrudescimento e retorno de antigos sintomas, alimentados pelo gozo condensado no significante “burra” que levaram, do lado do analista, à interpretação: “*Vous pouvez arrêter ça*”. “Você pode parar isto!” Do lado da analisante, após uma avalanche de sonhos com peças soltas que rebobinavam meu lugar no campo do desejo do Outro, o significante “calma”, “calma, Tânia”, adveio como parceiro frente ao silêncio destruidor da aliança da pulsão com o sintoma. Esta *tranche* [fatia] se encerrou em torno da “calma”, da separação do Outro e do não fazer “loucura”, “barulho”, de tudo. Momento crucial da análise, rumo ao final. Localizo aqui uma primeira bricolagem, um pequeno novo uso de um velho significante.

A segunda fatia de sessões daquele mesmo ano foi em novembro, quando dos atentados na França, e me permitiu localizar o lugar da contingência em minha vida. “Não posso controlar tudo”. Não houve a Jornada da Escola da Causa Freudiana, não atendi a analisante brasileira que viria do interior para Paris para ter sua sessão presencial, mas pude consentir, sobretudo em minha clínica, com o real da contingência. Olhei para trás e percebi minha afinidade com tal modalidade do tempo: o instante, o inesperado, o “tudo pode acontecer”, já sinalizado pelo analista. “Você vive à espera que algo possa acontecer!”. Intervenção que, ao final, permitiu condescender ao lugar da contingência em minha vida, fator essencial para alcançar o final de análise e extrair um saber fundamental para minha formação.

Localizo no ano de 2017 dois eventos importantes para o início do final de minha análise. Estava às voltas com o desejo de fazer um Doutorado sobre a questão da temporalidade em sua relação com o *sinthoma*. Durante muitos anos minha relação com o tempo foi tema de minhas sessões e, por sua passagem me causar enigma tornou-se o primeiro objeto de pesquisa em meu Doutorado, posteriormente abandonado como eixo central, mas aqui usado como bússola. Hoje, no ‘só-depois’, vislumbro que meus embaraços com a dimensão temporal estavam relacionados

com a separação do Outro e com o consentimento à castração. Isso se configurava na vida cotidiana como uma dificuldade em “sair de casa”, o que equivalia a se separar do Outro materno, mesmo que, efetivamente, isso tenha se dado cedo em minha vida. Separar-me do lugar de objeto que ocupei para a mãe, configurado na exigência de que deveria realizar todos os sonhos de que ela abriu mão para casar-se, demandou muitos anos e gerou muitas idealizações encobridoras.

Somente ao escrever meus testemunhos e ao discorrer sobre o caminho rumo à conclusão da análise, pude localizar três modalidades de embaraço com o tempo. Situei o instante de ver no primeiro testemunho, quando falei sobre o parto a fórceps, que me trouxe ao mundo. O segundo momento, tempo de compreender, foi alimentado pelos sonhos de um pai vivo, relatados no segundo depoimento, que apontavam para a relação com a eternidade como um modo de contornar o real da castração e, como nos demarcou Lacan, no *Momento de Concluir*⁴⁰, sonho de despertar e de deter o tempo. Por fim, o momento de concluir, “sair de casa”, da separação, que na análise foi marcada pela dificuldade em desfazer o laço libidinal com a indecisão, como citei acima. O laço libidinal com o analista foi se desfazendo e se enganchando aos poucos, devido, sobretudo à leveza do analista no trato com meus sintomas, como destaquei acima.

Quanto ao projeto do Doutorado, ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais foi meu primeiro passo para alcançar tal objetivo. O que estava na mira era ser orientada por um colega que, até então, ocupava para mim o lugar de sujeito suposto saber sobre o tema da temporalidade. Tudo ocorreu bem, até que me deparei com uma banca e uma pergunta simples, mas capciosa. Uma indução ao erro. Só depois, em análise, pude elaborar o porquê da minha escolha pela resposta inadequada, considerando a orientação teórica da banca que me examinava. No momento da entrevista, fui atravessada por uma pergunta e uma resposta que não paravam de se inscrever: “o que estou fazendo aqui? Não é nada disso.” O que se esboçava ali, mais uma vez, era a parceria sintomática com a idealização, que precisou de mais um ano e meio para alcançar seu justo lugar, não sem as contingências que relatarei mais adiante. Momento em que também pude desviar-me da pedra chamada supereu e devido à qual tive tantos tropeços e paralisações.

⁴⁰ LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XXV: Le moment de conclure* (1977-1978). Leçon du 15 novembre 1977. Paris. Inédito. Tradução sob minha responsabilidade.

Não há outro meio de retirá-la do caminho que não um percurso analítico, quando se crê nele. A meu ver, minha experiência não poderia ter sido atravessada sem o encontro com os meios para lidar com a vociferação do supereu: goza! Sabemos que tal força não é eliminada, mas aprendemos a lidar com ela e avançar, apesar dela. No meu caso, eram vozes superegoicas transmitidas de ambos os lados, paterno e materno. Vozes que me conduziram a uma relação produtiva com a disciplina e aumentaram a fidelidade ao meu desejo como defesa ao *Il y faut*, “tem que”, configurada pelo analista como música de fundo de toda minha vida, aspecto já comentado.

Logo após o exitoso fracasso na referida banca na UFMG, ingressei no Doutorado na UFBA, de modo mais ameno. Hoje, a escrita me permite, de modo borromeano, enodar os acontecimentos de corpo e as contingências que determinaram o final de análise. Seja nos testemunhos, seja na escrita da tese.

DAS CONTINGÊNCIAS AO FINAL

Decidi começar a primeira entrevista para o passe pelo final da análise, que se deu de modo absolutamente simples, sem nenhuma idealização, sem nenhum “grande sonho”, simples assim. A intenção aqui ao destacar a simplicidade é colocar o passe em um lugar de escolha e não de ideal. Advogo a ideia de que o passe é uma aposta e não uma consagração sustentada na incidência de um “narcisismo inflamado”, como nos adverte Miller⁴¹ em seu mais recente livro *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, e sigo buscando como, através do discurso, posso estar à altura da tarefa para a qual fui nomeada: ensinar aos outros o que aprendi na minha experiência analítica.

Comecei minha sessão do dia 17 de setembro de 2018 dizendo que havia escutado duas frases de passes que foram marcantes para mim. A primeira foi: “uma pessoa que era considerada ‘chata’ quando criança, *la mosca del coche* [que em português pode ser traduzido por mosca de carro, aquela que incomoda, chateia por estar

⁴¹ MILLER, Jacques-Alain. Liminar. In: *Como terminam as análises: paradoxos do passe*. Tradução Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p.18.

presa e fazendo barulho no carro], encontrou como destino, para esse sintoma, ser analista". A segunda: "Isso é algo muito primário na sua vida".

Estava escrevendo um texto, no qual queria articular a queda do falocentrismo com a voracidade materna e os objetos fóbicos reais e não conseguia terminá-lo. De repente, encontro uma passagem em um texto de Serge Cottet, que me atingiu como um clarão: "A fobia infantil, decorrente de um pai falicamente carente, não foi tratada e foi se deslocando, metonimicamente, sem que [EU] soubesse"⁴² O EU aí foi incluído por mim de modo inconsciente, não fazia parte do texto original. No meu caso, nessa sessão, a frase foi associada a três declinações da fobia infantil:

Medo de não ser amada ou amada demais, que poderia levar à devoração.

Fobia do outro, encoberta por alegria, paixão, simpatia e gentileza.

Medo de não ser querida, incluída nos grupos e que o outro me apontasse: "Aqui não é seu lugar".

Associados a esse momento acontecimentos contingenciais se sucediam, na vida, o que me levou a concluir, rumo a um momento de decisão que ali se projetava: "preciso tirar um saber dessas situações". Tratava-se de dar um limite à indecisão e aos atrasos que o programa de gozo comandado pela idealização me lançou durante anos.

CONTINGÊNCIAS

Final de Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Bahia⁴³, em um jantar, faço um comentário sobre a vida pessoal de uma colega e percebo que ela não respondia ao que eu perguntava. Não estimei o incômodo que lhe causei. Dias depois, ela me abordou de modo raivoso e me acusou de ter exposto a sua vida

⁴² COTTET, Serge. OFNI: Objetos Fóbicos não Identificados. In: Jacques-Alain Miller e colaboradores. *Los Miedos de los Niños*. Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires/Paidós, 2017, p. 121-8. Tradução sob minha responsabilidade.

⁴³ Para os que não estão familiarizados com a estrutura da Escola Brasileira de Psicanálise, a instituição conta com sete seções e a Seção Bahia é uma destas. As demais são: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Leste-Oeste, Sul e Nordeste. A "geografia" da EBP segue as vias da transferência e não da geopolítica do Brasil.

íntima diante de um estranho. Não recuei em fazer um bom uso dessa contingência. Meu horror e minha atração pela repulsa do Outro incorporaram-se. Tomou forma meu desejo de tratar o outro mal e ser mal tratada! A fantasia da boazinha foi configurada como defesa ao ódio que se avizinha desse afeto amoroso! O obscuro, o opaco do sintoma se revelou.

Esse acontecimento foi contingencial porque, para mim (diferentemente do que ela me disse depois) o questionado era motivo de orgulho para aquela colega. Inquieta com o ocorrido, chego à análise com a seguinte frase: preciso produzir um saber sobre isso! O produto dessa inquietação é detectar que a idealização estava toda do meu lado! Esse foi o momento em que a idealização alcançou seu justo lugar: parceiro-sintoma. A inibição intelectual que tinha como substratos a idealização e o supereu e seu imperativo do “tem que”, foram a “música de fundo de minha vida” e me levaram à constante busca de um lugar, bem como à insatisfação que quase destruiu laços importantes na minha vida. A verdade mentirosa do “você é burra!” e o trajeto do parceiro-sintoma podiam agora ser rastreados.

A passagem do texto de Cottet, com o EU que nela incluí, encerrava meu percurso analítico. Ali estava o início, antes de passar para o divã, quando escutei a frase: “a mãe fóbica que transmitiu seus medos para a filha”. Algum destino para a frase: “Eu vou fazer com você tudo que você fez comigo.” Trata-se de muitos fatos de minha vida, ali condensados. A mãe que se colocava como objeto dejetivo, lugar ao qual, pela via da identificação, me coleí durante anos, também me transmitiu o gosto pela vida, a beleza e a vontade de vencer. Do lado paterno, “o silêncio do pai”, uma das faces do objeto voz e um olhar não dirigido a mim me lançaram na busca eterna da predileção do Outro. Após a decantação do que me angustiou em nome da idealização, consinto em ser como posso: inquieta, dispersa, mas que avança frente ao modo como a vida comparece: “tudo junto e misturado!”.

ULTIMÍSSIMOS ACONTECIMENTOS

Ao separar o dinheiro para pagar as sessões verifico, surpresa, que reuni notas de baixo valor, antigas, sobras de outras viagens. O pensamento que me vem é: “Vou

deixar meus restos com Lacan”, mas corrijo e substituo o nome de Lacan pelo do analista.

No intervalo das sessões do dia 20 de setembro de 2018, saio com uma colega e, no retorno ao consultório do analista, encontramos outra colega passando na rua e aquela que me acompanhava grita alto o nome dela. Paro, pego no seu braço e digo: “Você está louca? Não se grita assim em Paris!” Em meu corpo sentia como se ela estivesse sendo roubada e pedisse socorro! O medo, do qual fui refém durante muito tempo, ali se incorporou. Neste momento eu era a “gritada”, estado aqui configurado nas duas situações: aquela colega para a qual a repreensão era dirigida, mas também a outra que fora chamada “aos gritos”. Fração de segundos depois, já na esquina do consultório do analista, cruzo com uma mãe empurrando o carrinho de seu bebê e este grita ao chocar-se comigo! Novamente a voz como grito me paralisa! Aquele bebê sou eu que grito para ser olhada. As cenas infantis do início de minha análise retornam agora para adquirir uma leitura libidinal. Trata-se de duas cenas que condensam minha neurose infantil. A partir do enodamento acontecimento de corpo e contingência, o que sinalizou para mim que algo de *lalangue* estava operando ali, o objeto voz, até então encoberto pelo predomínio do objeto olhar, adquiriu seu devido lugar no programa de gozo.

Antes da última sessão, uma colega me diz: “Tem um buraco no divã do analista!” De minha parte, ironizo: “É, deve ser o povo gordo que ele atende! “Vou dizer para ele que é assim que o Brasil vai ficar se o “Coiso” ganhar”. O humor diante do furo é minha saída. O humor que sempre esteve presente em minha vida adquire uma nova face. Desliza de um meio para denunciar o furo no Outro para um meio de saber fazer com o furo. O analista encerra a sessão, me acompanha até a porta, aperta minha mão e diz: “É uma boa saída!”. Não marca outra sessão.

Passo o final de semana inquieta, sem crer que eu havia chegado ao final e penso: “Ah, não! *Pera!* Eu vou lá saber se esse negócio terminou mesmo!”. Restos da indecisão. Volto, então, ao consultório do analista e, ao me ver ali, na porta da sua sala, me recebe, surpreso, com um: “Hellô!” A voz do analista, o tom dessa recepção era outro. Entendo que não adianta mais continuar falando, buscando chegar ao infinito quando, o que interessa, é meu infinito particular! É chegado o momento de inaugurar um novo tempo, não todo, visto que habitado pelos restos, aqueles que,

mesmo que tenha deixado uma parte com o analista (sob a forma de notas de baixo valor e de outras, “tudo junto e misturado”), prosseguem comigo em minha caminhada. Um novo tempo no qual minha voz pode ser ouvida na Escola que me nomeou!

Para concluir, destaco dois aspectos: o primeiro diz respeito à constatação de que fazer o passe final sempre estivera no horizonte de minha análise, desde o começo, como uma escolha. Escolha pela transmissão, pelo progresso da Escola e pela existência da psicanálise no mundo. O segundo aspecto corresponde à pergunta que está no título deste artigo: o que está em jogo na formação? Sirvo-me de Frediani quando esta lembra Miller: “o mais importante da Escola não é o que ela sabe, mas o que sabe que não sabe”⁴⁴. Na sequência de seu livro, a autora desliza do “amor ao saber que há” para o “desejo do saber que não há”⁴⁵, conclusão à qual chegou a partir do seu trabalho em análise.

Desse modo, o que está em jogo na formação é inventar modos singulares de lidar com a incompletude do Outro e do saber. No meu caso, não sem o apoio da Escola de Lacan que fez duas afirmações fundamentais: em 1969 advertia que “Existe a Psicanálise e existe a Escola”⁴⁶ e em 1967 já havia compartilhado suas inquietações relativas a “saber se a psicanálise foi feita para a Escola, ou a Escola para a psicanálise”⁴⁷.

Para minha alegria, Lacan não hesitou em afirmar que sua Escola foi criada para servir à psicanálise, à sua existência, e à formação dos analistas.

⁴⁴ MILLER, Jacques-Alain. La Escuela de Lacan. In: _____. *Elucidación de Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 1998, p. 519, apud FREDIANI, Marta Serra. El Psicoanálisis y la Escuela. In: El Psicoanálisis en Singular *Un recorrido*. España: Ned Ediciones, 2021, p. 162.

⁴⁵ Ibid, p. 163.

⁴⁶ LACAN, Jacques. Pronunciamento na Escola. In: _____. *Outros Escritos* Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969/2003, p. 299-301.

⁴⁷ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967/2003, p. 248-264.

ARTIGO 3

O ENSINO DA PSICANÁLISE E SEUS DESAFIOS

O que eu ensino, salta aos olhos que se relaciona com o que se chama experiência psicanalítica.¹

Não é a isso que meu ensino serve, mas de que é servo. Ele está a serviço, serve para valorizar alguma coisa que aconteceu e que tem um nome, Freud (Lacan, 2006).²

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo central discorrer sobre a inquietação de Lacan quanto ao impossível que permeia o ensino da psicanálise, tão bem configurado em sua frase: “Como fazer para se ensinar o que não se ensina?”³ Decorre daí a dúvida, advinda do próprio Lacan, acerca do uso do termo “ensino” como denominação para a transmissão da psicanálise, tal como ele a concebe, apesar de afirmar que “ensino há”⁴.

Para alcançar este objetivo, vou recorrer, mais uma vez, a minha experiência analítica, pois, segundo Lacan, é só daí que se retira o material para inventar um modo singular de propagar a psicanálise. Pretendo, ao transmitir os modos através dos quais pude me arranjar com os encontros com o real, contribuir com a renovação do ensino, como nos lembrou Lacan em 1978: “[...] ao se confrontar com seu impossível, o ensino se renova”.⁵

¹ LACAN, Jacques. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: _____. *Meu Ensino*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 81.

² Ibid. p. 107.

³ LACAN, Jacques. Transferência para Saint Denis? Diário de *Ornicar?* Lacan a favor de Vincennes! *Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 65, abril de 2010, p. 31. Originalmente publicado em: *Ornicar?*, Paris, n.17-18, p. 278.

⁴ LACAN, Jacques. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: _____. *Meu Ensino*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 13.

⁵ LACAN, Jacques. Transferência para Saint Denis? Diário de *Ornicar?* Lacan a favor de Vincennes! *Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 65, abril de 2010, p.31. Originalmente publicado em: *Ornicar?*, Paris, n. 17-18, p. 32.

Naquele mesmo ano, o de 1978, Lacan afirmou que há quatro discursos e que três deles pretendem dizer a verdade, por isso são delirantes, entretanto o quarto discurso por ele criado, o analítico, sabe que a verdade varia e, portanto, não é universal: há uma para cada sessão da experiência analítica, trata-se de *varidade* da verdade: *varité*, no original⁶. Isto elimina do discurso analítico o poder de ensinar e consequentemente de dominar. Miller chama atenção, entretanto, que se o discurso analítico não pode ser ensinado, a psicanálise sim, mas somente através da experiência: “Disjuntar o discurso analítico e o matema quer dizer que não podemos preparar operadores do discurso analítico. Aos chamados psicanalistas, não podemos prepará-los pelo ensino, só podemos elaborá-los pela experiência.”⁷ E ele corrobora sua posição afirmando que “não formamos analistas pelo ensino, nós o formamos pela experiência.”⁸

É nítida aqui a separação que Miller promove entre ensino e experiência, estando o primeiro mais próximo da pedagogia e do domínio. “Ensinar é dominar”⁹, afirma Miller. Diz Lacan :

O que realmente me cabe acentuar é que, ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma.¹⁰

Ao longo do artigo desenvolverei esta afirmação em associação com a teoria lacaniana dos quatro discursos e outros conceitos como o ato analítico.

PAGANDO COM MEU CORPO

⁶ Varité é um neologismo inventado por Lacan para unir verdade e variedade.

⁷ MILLER, Jacques-Alain. Cada uno en su mundo. *Todo el mundo es loco*. Texto estabelecido por Silvia Helena Tendlarz. Buenos Aires: Paidós, 2015 p. 337. Tradução Marizilda Paulino, revisão de Antônio Beneti para uso interno da Escola Brasileira de Psicanálise.

⁸ Ibid., p. 337.

⁹ Ibid., p. 327.

¹⁰ LACAN, Jacques. Alocução sobre o Ensino. In: _____. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 310.

Miller lembra que Freud ensinou o que não se ensina “pagando com sua pessoa”¹¹, especialmente usando seus sonhos e suas formações do inconsciente para fazer avançar a psicanálise. Deste modo coincide com o que Lacan nos ensinou que não há “formação do analista”, mas formações do inconsciente. Laurent nos adverte sobre a atualidade desta frase:

Hoje, mais do que nunca, devemos apreciar o alcance dessa frase. Nesse momento em que múltiplos poderes queriam legislar pelas sociedades de psicanálise acerca dos títulos que elas fornecem, tempo em que a multiplicação das fontes de legitimação institucional (da universidade aos dispositivos de cuidados), impulsiona novas formas de autorização.

Em um primeiro sentido, a frase de Lacan significa que o analista deve se formar sobretudo compreendendo a retórica do inconsciente. Em um segundo, significa que isto deve ser feito com as formações de seu próprio inconsciente e, portanto, sobretudo ele deve se analisar. Seguindo este caminho, deduz-se que o analista só interpreta porque faz parte do inconsciente e se faz o produto desta operação. Como nos moldar a esse ser, eis o que quer dizer: formação do analista.

Os anos de 1966/67 e 1968 são fundamentais para as reflexões de Lacan sobre “o lugar”, “a origem” e o “fim” de seu ensino. Tomarei como bússola para desenvolver o que Lacan pensou sobre estes tópicos, a publicação intitulada, *Meu ensino* publicada no Brasil pela Jorge Zahar Editor em 2006 e que faz parte da série *Paradoxos de Lacan*, da qual fazem parte ainda, *Nomes-do-Pai* e *O triunfo da religião*.

Trata-se de uma coletânea de três conferências¹² proferidas por Lacan em Lyon, no asilo de *Vinatier*, *Lugar, Origem e fim do meu ensino*, em Bordeaux, *Meu ensino, sua natureza e seus fins*, para residentes de Psiquiatria e *Então, vocês terão escutado Lacan*, na *Faculdade de Medicina de Estrasburgo*. Desta publicação transcrevo o que se encontra na orelha do livro, mesmo frente à impossibilidade de referenciar a autoria, pois configura com clareza o que pretendo desenvolver neste artigo:

¹¹ MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v.85, 2022, p13-14.

¹² É interessante destacar aqui que na terceira das referidas conferências, Lacan faz uma crítica a este termo “Conferência”, pois considera que ele comporta um postulado embutido no termo Universidade: “há um universo, um universo do discurso, [...]” e que o seu ensino implica fissuras e rupturas, desse modo não caberia nomeá-lo por conferência. Decidi, entretanto, manter o termo, pois assim está no livro que aqui estou tomando como referência.

O que uma análise ensina não se adquire por nenhuma outra via, nem pelo ensino nem por nenhum outro exercício espiritual. Nesse caso, a que se presta? Quer dizer que é preciso calar esse saber? Por mais particular que seja para cada um, não haveria meio de ensiná-lo, de ao menos transmitir seus princípios e algumas de suas consequências? Lacan colocou-se a pergunta, respondeu-a em mais de um estilo. Em seu *Seminário*, ele argumenta à vontade. Em seus *Escritos*, quer demonstrar e atormenta a letra a seu bel prazer. Mas há também suas conferências, suas entrevistas, seus improvisos. Aí, tudo vai mais rápido. Trata-se de surpreender as opiniões para melhor seduzi-las. É o que chamamos de seus *Paradoxos* [...]¹³

De cada uma das três conferências, elegi passagens a serem desenvolvidas ao longo do artigo. Da primeira destaco uma importante diferença entre origem e lugar, que Lacan traça ao falar do início de seu ensino. Proponho que o acompanhem em seu raciocínio:

No início não é a origem, é o lugar... Lugar é um termo de que me sirvo bastante, pois não raro há referências ao lugar no campo a propósito do qual incidem meus discursos, ou meu discurso, como preferirem. Para se estar neste campo, convém dispor do que se chama em outros domínios mais sólidos uma topologia e ter uma noção de como é construído o suporte sobre o qual se inscreve o que está em pauta... “Lugar” terá assim um alcance bem diverso na topologia, no sentido da estrutura, em que se trata por exemplo de saber se uma superfície é uma esfera ou um anel, pois o que se pode fazer com ambos não é em nada semelhante. Mas não se trata disso. O lugar pode ter um sentido completamente diferente. Trata-se simplesmente do lugar aonde cheguei, o que me põe na postura de ensinar, uma vez que ensino há...ocupa-se o lugar aonde um ato o empurra assim, da direita ou da esquerda, aleatoriamente. Tudo girou em torno disso, de que a função do psicanalista não é natural, de que ela não existe por si só no que tange a atribuir-lhe seu status, seus hábitos, suas referências e, justamente, seu lugar no mundo.¹⁴

Destaco ainda da primeira conferência a definição que Lacan fornece acerca da origem do seu ensino: “A origem do meu ensino é bem simples, está presente desde sempre, uma vez que o tempo nasceu com aquilo de que se trata. Com efeito, meu ensino é muito simplesmente a linguagem, nada além disto”.¹⁵ O desenvolvimento que Lacan dará a esta passagem desemboca no lugar que as palavras tiveram na obra de Freud, sobretudo no sonho. Transcrevo aqui a definição de sonho nos ofertada por Lacan, uma vez que foram abundantes em minha análise e ao

¹³ Contracapa da publicação em Português do livro *Meu Ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Tradução André Telles, 2006.

¹⁴ *Ibid.*, p. 12-13.

¹⁵ *Ibid.*, p. 34.

esclarecerem meu “não lugar no mundo” devido à condição de mulher, permitiu-me avançar em um saber-fazer com meu sintoma -, a inibição intelectual e suas derivações como o sentimento de exclusão e de não ter lugar no mundo-, além de ter me permitido cernir o lugar dos objetos voz e olhar em minha *hystoeria*. São sonhos através dos quais pude transmitir o que é a função de um sonho em uma experiência conduzida pela orientação lacaniana. Sigo Lacan:

Um sonho em Freud não é uma natureza que sonha, um arquétipo que se agita, uma matriz do mundo, um sonho divino, o coração da alma. Freud fala dele como de um certo nó, uma rede associativa de formas verbais analisadas e se recortando como tais não pelo que significam, mas por uma espécie de homonímia. É quando uma mesma palavra encontra-se em três cruzamentos das idéias que ocorrem ao sujeito que vocês percebem que o que é importante é aquela palavra, e não outra coisa. É quando vocês encontram a palavra que concentra em torno de si o maior número de filamentos desse micélio que vocês sabem que é ali o centro de gravidade oculto do desejo de que se trata. Para encurtar, é o ponto de que eu falava ainda há pouco, o ponto-núcleo onde o discurso faz furo.¹⁶

A riqueza desta passagem de Lacan é sua definição do inconsciente estruturado com uma linguagem, ideia jamais abandonada por Lacan, e as derivações desta afirmação como a noção de sujeito e de pensamento, tal como trabalhados na psicanálise. Para concluir sua conferência, Lacan afirma como fim, objetivo, meta do seu ensino “[...] fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama “sujeito”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise”¹⁷. O sujeito aqui em questão é o sujeito da enunciação, aquele que comparece através dos pensamentos inconscientes, aqueles que o sujeito tem, mas não sabe que tem, ao estilo do saber inconsciente. Trata-se do que o sujeito fala para além daquilo que calculou.

Na segunda conferência, Lacan trabalhou a natureza e os fins de seu ensino e surpreendentemente começa falando dos dejetos - através do lugar das redes de esgoto na civilização-, como demarcadores da diferença entre o que é a natureza para os animais e para o homem. Anos depois, em texto intitulado *Salvação pelos dejetos*,¹⁸ Miller chamará de dejetos as formações do inconsciente, preciosas para a

¹⁶ LACAN, Jacques. Ibid, p. 37.

¹⁷ LACAN, Jacques. Ibid, p. 53.

¹⁸ MILLER, Jacques-Alain. A Salvação pelos dejetos. *Correio: Revista da Escola Brasileira*, 2010, n.67, p. 19-26.

Psicanálise e bobagens para a civilização: “[...] a descoberta freudiana que foi, como se sabe, primeiramente, a desses dejetos da vida psíquica, os dejetos do mental que são o sonho, o lapso, o ato-falho e, mais além, o sintoma.” O dejetivo tem como matéria prima para o homem a linguagem, diferentemente dos animais e servem para salvar. Deste modo, como tudo passa pela linguagem, nada é natural no humano. Lacan afirma que a partir desta e de outras razões “o que eu ensino faz barulho”¹⁹, sobretudo depois que escreveu os *Escritos*. E completa afirmando “o que eu ensino, salta aos olhos que se relaciona com o que se chama de experiência psicanalítica.”²⁰

Salienta ainda que não ensina procedimentos técnicos e precisões formais referentes à experiência e que “o traço fundamental da análise é que as pessoas acabam se dando conta de que trombetaram besteiras anos a fio.”²¹ Trata-se da enunciação, fonte primeira da interpretação analítica e da constatação que os analisantes fazem, que falaram de uma mesma e única coisa do início ao fim da análise, enredados pela trama gozosa que impede o acesso ao desejo.

O ponto nodal da terceira conferência de Lacan é a seguinte passagem: “Não é a isso que meu ensino serve, mas de que é servo. Ele está a serviço, serve para valorizar alguma coisa que aconteceu e que tem um nome, Freud.”²² Para chegar a esta posição, Lacan desenvolveu toda uma crítica à ideia da construção do saber como portador de uma ordem universal e que ao menor exame da história esta concepção viria abaixo. Ao seu olhar é de ruptura e fissuras que o saber evoluía até a concepção de ciência de Descartes. Lacan insiste: “Foi só a partir do sr Descartes que aconteceram algumas coisas, de toda forma notáveis, em particular a inauguração da nossa ciência...”²³. Segundo ele é neste contexto que nasce a psicanálise e ao ser ensinada no estilo de partir do zero, como se nada houvesse feito, se distancia da psicologia que está mais preocupada com uma fidelidade às suas “fontes”. Sigamos o argumento de Lacan:

¹⁹ LACAN, Jacques, *Ibid*, p. 70.

²⁰ LACAN, Jacques. *Ibid*, p. 81.

²¹ *Ibid*, p. 81.

²² *Ibid*, p.107.

²³ *Ibid*, p. 106.

Se meu ensino serve para valorizar Freud, e se declara a serviço disso, nesse caso o que querem dizer as fontes? Querem dizer precisamente que o que me interessa não é reduzir Freud às suas fontes.

Mostrarei, ao contrário, a função que ele teve como fissura. Naturalmente, no que diz respeito a enquadrá-lo, colocá-lo em seu lugar dentro da psicologia geral, há outros que se dedicam a isso, mediante o quê negligenciam a única coisa interessante, ou seja, por que Freud é um nome em torno do qual se prende essa coisa tão singular que ocupa o lugar desse nome na consciência de nossa época.²⁴

Para Lacan, Freud é um acontecimento, um nome que está em nossas mentes especialmente por seu modo singular de ver “os doentes”, domínio da medicina. Nos diz Lacan: “ Freud nos ensinou que, dentre esses doentes, há doentes do pensamento. Só que é preciso prestar atenção á função assim designada.”²⁵ O fascinante nesta argumentação lacaniana é que ele discorre sobre o que se fazia até Freud, uma “psicopatologia mental” e pós Freud onde “ pensar não é em si uma doença, mas há aqueles a quem isso pode deixar doente”.²⁶ É importante demarcar que, mesmo reconhecendo a genialidade da descoberta freudiana, Lacan sabe que ele não alcançou teorizar sobre o real, sendo esta uma invenção lacaniana.

Lacan conclui esta conferência salientando que o psicanalista é aquele que é consultado a partir daquilo que escapa ao saber, portanto “ele não deve considerar que sabe, sob o pretexto de que é a título do que chamei de sujeito suposto saber que se vai descobri-lo.”²⁷

Jacques-Alain Miller vem desde 1972 fazendo o que ele próprio denominou como “pontuações” no ensinamento de Lacan, evitando com isto que protocolizem seu ensinamento. Trata-se de um percurso denominado por ele de “A orientação lacaniana”. A ênfase de seu trabalho recai sobre o termo “orientação” que implica não só movimento, mas também as condições, as possibilidades para que esta orientação aconteça. São cursos que foram ditados por Miller em Paris e no conjunto dos mesmos farei uma escanção temporal em 1984 e no período de 2007 a 2009. Respectivamente nos cursos: *1,2,3,4, Tout le monde est fou* e *Choses des Finesse* no original. Como consultei, com frequências, as traduções em Espanhol destes cursos, pois são publicados pela Editora Paidós, sob autorização de Miller,

²⁴ Ibid, p. 108-109.

²⁵ Ibid, p. 109-110.

²⁶ Ibid, p. 111.

²⁷ Ibid, p. 121.

transcrevo também em Espanhol os títulos destes cursos: *1,2,3,4, Todo el mundo es loco e Sutilezas Analíticas*. Como não temos traduções em português, as que aqui encontrarem são de minha autoria.

No ano de 1984, Miller dedicou-se a precisar os pontos fundamentais do ensino de Lacan e da experiência analítica. Intitulou seu curso de “1,2,3,4”, uma série aberta que deteve-se no número 4, visto que o curso deste ano é o quarto da segunda série da já referida “orientação lacaniana”. O título escolhido abarca a dimensão da sucessão, que bem caracteriza uma experiência analítica: as primeiras sessões vêm em sucessão às primeiras entrevistas até alcançarmos as últimas sessões. Da sucessão Miller passa à série, única maneira, segundo ele de se entender o ensino da psicanálise. As afinidades da série com o “não todo” são a base para se entender a razão pela qual Lacan, para falar de seu ensino, fala de série. Cito Miller: “A série é adequada para representar-nos que, na experiência analítica, se trata de apreender”.²⁸ O que não se pode apreender em uma série é o (a), que entretanto a determina, mas escapa de ser apreendido. Ele é o responsável pela impossibilidade de, ao final de uma análise, se chegar a uma inscrição significativa final e definitiva. O (a), verdadeira invenção lacaniana ao lado dos matemas, é o “símbolo do não simbolizável.”²⁹

Miller caracteriza Lacan como tendo um estilo serial em oposição ao estilo de ruptura freudiano, como o próprio Lacan havia salientado nas conferências de 67/68, acima referenciadas. Sigo Miller:

Constato que Lacan comentou os textos de Freud e que seus escritos tem um estilo serial. É um estilo serial porque há nele uma reescrita do mesmo texto em todos seus escritos – e há, certamente, um efeito de adição. O que faz com que um escrito de ordem n suponha todos os escritos de ordem inferior a n , até tal ponto que os textos se sobrepõem. Sobrepõem-se devido a esta adição. Isto não é verdade no caso de Freud. Em Freud há um estilo de ruptura. Seus escritos estão mais individualizados que os de Lacan, os quais, por seu lado, se sobrepõem uns nos outros.³⁰

²⁸ MILLER, Jacques-Alain. Construcción de los ordenamentos subjetivos. In: *1,2,3, 4*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2021, p. 27. Tradução nossa.

²⁹ Ibid, p. 33.

³⁰ Ibid, p. 29.

Ele assumiu como sua tarefa pontuar Lacan, com o objetivo de impedir que seu ensino fosse tomado como dogmático ou como um manual. Ao contrário disso, optou por entender Lacan pelo viés da progressão, advertido que não se trata de uma leitura cronológica e linear.

Em 2007/2008, tomando como bússola a frase proferida por Lacan em 1972, “*Todo mundo é louco, isto é delirante*”³¹, adentra no ultimíssimo ensino de Lacan, com uma importante advertência do risco de, no contexto atual, esta frase ser tomada como um *slogan* para a sociedade moderna que tudo quer “*despatologizar*”. “Não haverá mais patologias, haverá, já há, em vez disso, estilos de vida, livremente escolhidos – uma liberdade imprescritível porque ela é a dos sujeitos de direito (*droit*)...”³² Se enveredamos por tal corrente corremos o risco de promover o declínio da clínica. Adverte que “No contexto da época, ele foi entendido de uma forma que lisonjeia os preconceitos contemporâneos, os da reivindicação democrática de uma igualdade fundamental dos cidadãos, impondo-se à hierarquia tradicional desconstruindo-a”.³³

Jacques-Alain atesta que o texto de Lacan possui paradoxos, contidos no aforismo *Todo mundo é louco*, “ou seja, delirante”. O primeiro deles é decretar o fim da clínica usando termos da própria clínica: loucura e delírio. Um segundo paradoxo, nos interessa mais de perto e vai além da questão da despatologização:

[...] contento-me em levar em conta a frase que se segue imediatamente ao “*Todo mundo é louco, ou seja delirante*” Esta frase é a seguinte: “É isso mesmo que se demonstra no primeiro passo rumo ao ensino.”³⁴ Aqui nada de despatologização, mas de um rebaixamento, uma destituição e, por que não, uma desconstrução do que é o ensino –isto pode ser surpreendente da parte de um sujeito que por muito tempo celebrou a posição de professor e que falava, ele próprio, a partir de seu ensino.³⁵

Há outros paradoxos destacados por Miller no texto de Lacan de relevante importância, como a equivalência entre o Imaginário e o real na obra lacaniana e a

³¹ LACAN, Jacques. “Lacan a favor de Vincennes!”. *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 2010, v.65, p. 31. Texto originalmente publicado em *Ornicar?*, Paris, n.17-18, p.278. Publicado na revista *Correio* com a amável autorização de Jacques-Alain Miller.

³² MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v. 85, 2022, p.11-12.

³³ *Ibid*, p. 9.

³⁴ LACAN, *ibid*.

³⁵ MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v. 85, 2022, p.11.

invenção do real por Lacan. Entretanto não me deterei nestes pontos, pois fogem ao propósito desta tese.

No tocante à relação entre o tema do artigo, o ensino da Psicanálise e seus desafios e minha experiência de final de análise, pretendo escandir dos 30 anos de percurso analítico o que considero que aprendi e o que penso que consegui transmitir, fazendo assim de minha experiência uma vinheta clínica. Ao longo do artigo transcreverei as mudanças que ter me submetido ao dispositivo do passe trouxeram na minha relação com a transmissão da psicanálise e na minha posição dentro da Escola Brasileira de Psicanálise, na condição de membro desta e, conseqüentemente, na Associação Mundial de Psicanálise. Compartilho com vocês a queda da idealização que havia em mim, frente à transmissão de outros colegas, fossem da EBP ou de outra Escola da AMP, quando eram convidados para falar na Seção Bahia ou na Universidade. Para mim todos deveriam trazer alguma novidade epistêmica como se os textos ou livros que consultassem fossem distintos dos que eu consultava, o que significava que o Outro poderia fazer construções teóricas de qualidade, enquanto eu não tinha capacidade intelectual para tal. Com o final de análise, pude entender que ali estava alguém que traria a sua invenção singular para transmitir a psicanálise, a sua organização própria dos textos que estão disponíveis para todos, inclusive para mim. Invenção que se faz necessária, uma vez que, na orientação lacaniana, não há um conteúdo programático pré-definido para se ensinar. A transmissão conta com a contingência. Me arrisco a dizer que esta foi uma das modalidades da queda do A, esperada ao final da análise.

Lacan nos diz que a única possibilidade de transmissão da psicanálise é através da experiência de cada um, o que corrobora a definição de passe de Miller: “É isto que prova, é isso o passe, é se esforçar, tentar, pelo milagre de transformar o saber de um só, o saber de um só que vem da experiência, de sua experiência, transformá-lo em matéria de ensino para todos”.³⁶ Através desta correlação, adentrarei, fundamentalmente, pelo ensino do passe e como ele se dá na Escola de Lacan.

Trazê-lo para um diálogo com a Universidade tem como objetivo, fundamentalmente, contribuir para que não se tome a psicanálise lacaniana como um discurso

³⁶ MILLER, Jacques-Alain. Cada uno en su mundo. *Todo mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós. Texto estabelecido por Sílvia Elena Tendlarz, tradução Marizilda Paulino e revisada por Antônio Beneti para circulação interna na Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 337.

hermético e obscurantista. Transmitir a eficácia de uma experiência analítica, conduzida sob os princípios da psicanálise de orientação lacaniana, é uma excelente resposta aos opositores da psicanálise que insistem em considerá-la obsoleta e decadente. Refiro-me aqui, sobretudo, mas não somente, aos recentes ataques que a psicanálise tem sofrido de fontes que se dizem “verdadeiros” defensores da Ciência, classificando a psicanálise e outros saberes como “pseudociência”. Entrar no debate se a psicanálise é ciência ou não foge aos princípios deste artigo, mas compartilho da posição defendida por Camargo, em resposta à Nathália Pasternak e Carlos Orsi que, em recente artigo de divulgação do mais novo livro de sua autoria, denominou a psicanálise de uma “Disneylândia discursiva”. Acompanho Camargo:

A psicanálise mais uma vez é atacada pelos cientificamente corretos, gratuitamente ou em vista de objetivos obscuros e espúrios? Desta vez é por Nathália Pasternak e Carlos Orsi, cujos critérios de demarcação sobre o que é ou não é ciência sequer são explicitados. Quantas bobagens se podem esperar daqueles que se autorizam a falar sobre um assunto que desconhecem?

O debate sobre a relação entre a psicanálise e a ciência não é de hoje. A acusação feita à psicanálise de pseudociência sempre foi sustentada, salvo exceções, por falácias do tipo ‘invenção de fatos’, ‘explicação incompleta e superficial’, ‘petição de princípio’, ‘erros de definição’ e, principalmente, pela ecolalia da crítica popperiana dos anos 50, que atacava não só a descoberta de Freud, mas outras ciências como a biologia evolucionista, a economia, a sociologia e todas as psicologias clínicas, herança kantiana na *Crítica da Razão Pura*.³⁷

O autor prossegue seu artigo sustentando-se em argumentos sólidos, como as contestações que as críticas de Popper às ciências advindas de métodos indutivos já sofreu e conclui afirmando que: “A construção do conhecimento na psicanálise coloca em questão a verdade universal e, assim como outros campos do conhecimento, um modelo de ciência para todos.”

É interessante notar o que Lacan comenta em 1967 – nas conferências acima citadas –, sobre o que é a psicanálise, pois o caráter antecipatório de suas definições, já sinalizavam para a natureza dos ataques à psicanálise, tornando um texto de 67 de uma atualidade impactante. “Será a psicanálise pura e simplesmente uma terapêutica, um medicamento, um emplastro, um pó de pirlimpimpim, tudo que

³⁷ CAMARGO, Luis Francisco Espindola. *A Psicanálise na Mira dos Cientificamente Corretos*. Inédito.

cura? À primeira vista, por não? Só que a psicanálise não é absolutamente isso.”³⁸ Lacan prossegue sua argumentação questionando seus ouvintes que se assim o fosse, que hábito “enjoado” seria este de “visitar um sujeito três vezes por semana anos a fio”³⁹? Algum interesse há nisso.

Lacan parece que dialogava com os que se dizem defensores da “verdadeira” ciência”, senão vejamos:

A psicanálise, por meio de todas as suas lábias, tem bons pés e bons olhos, chegando a gozar de uma espécie de respeito, de prestígio, de efeito de imponência absolutamente singular, ainda mais se pensarmos no que são as exigências do espírito científico. De tempos em tempos, os que são cientistas ficam chateados, protestam, balançam os ombros. Mas mesmo assim resta alguma coisa disso, a ponto de as pessoas capazes de digerir as apreciações mais desagradáveis sobre a psicanálise invocarem em outros momentos este ou aquele fato, até mesmo este ou aquele princípio ou preceito da psicanálise, citarem um psicanalista, invocarem a aquisição de certa experiência como sendo a experiência psicanalítica. Em todo caso, é uma coisa que faz pensar.⁴⁰

Ele então completa sua argumentação constatando que “efetivamente há pessoas que não sabem nada do que é a psicanálise...”, mas se sentem no direito de nomear práticas que não são psicanálise pelo nome psicanálise.

PALAVRAS “QUASE” FINAIS

Para concluir, busquei demonstrar, através do ensinamento que se pode adquirir no passe, minha invenção singular para poder “ensinar o que não se ensina”⁴¹ ou seja, a prática analítica. A via é passar do impossível ao necessário, como salientou Miller: “Não é a primeira vez que Lacan transmuta um impossível em um real. Digamos

³⁸ LACAN, Jacques. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: _____. *Meu Ensino*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 20

³⁹ Ibid.p.21.

⁴⁰ Ibid.p.22.

⁴¹ LACAN, Jacques. Transferência para Saint Denis? Diário de *Ornicar?* Lacan a favor de Vincennes! *Correio Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 65, abril de 2010, p. 31. Originalmente publicado em: *Ornicar?*, Paris, n.17-18, p. 278.

que, aqui, ele passa do impossível ao necessário. O que é impossível ensinar, isso, no entanto, é necessário [...]”⁴²

Este artigo tomou como base a modulação milleriana que afirma que “Lacan não diz que a psicanálise não poderia ser matéria de ensino, mas, sim, que o discurso analítico não poderia sê-lo, ou seja, grosso modo, a prática da psicanálise.”⁴³

No segundo tópico deste artigo ainda seguro na mão de Lacan e Freud, não sem a ajuda de Miller e outros autores contemporâneos, para transmitir o que pude aprender em minha experiência de análise. Minha transmissão contempla também o que o pós analítico me ensinou, quando ao ser nomeada AE da Escola Una, tive que olhar para trás e promover um efeito de redução sobre os 30 anos que estive em análise. Isto significa que, para ensinar é preciso aprender primeiro, o que foi se dando ao longo destes 2 anos e 8 meses que tenho como AE em exercício. Não fazemos análise pensando: qual minha fantasia fundamental? Qual meu parceiro sintoma? E nesta via seguem as demais teorizações que somente ao fazer da minha experiência um “caso clínico” para mim mesma pude alcançar. Concluo, então, lembrando que, se hoje posso dizer que a música de fundo de minha vida foi orquestrada pela supereu advindo do par parental que me fixou numa ampla inibição, não tive outra saída para minha dor que um bom encontro com um analista.

Saliento que o maior aprendizado de minha experiência foi que nada acontece em uma vida psicanalítica sem o consentimento à contingência, sobretudo na via transferencial que, no ultimíssimo Lacan, se reduz a um “estar com”.

Não é fácil fazer escansões em 30 anos de análise, onde passamos longas horas de nossas vidas elucubrando a partir do que não existe, o que equivale dizer, falando de como nos arranjamos com os encontros contingenciais com o Real, que comparecem recheados de gozo ou ainda, como nos viramos com o “não há relação sexual’ ou ainda como nos livramos da tentativa neurótica de eternizar o tempo através da repetição.

⁴² MILLER, Jacques-Alain. “Todo mundo é louco” – AMP 2024. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, v. 85, 2022, p. 13.

⁴³ Ibid.

FINALIZANDO...

No gerúndio, pois ao escolher essa forma nominal do verbo, quis transmitir a ideia de uma continuidade temporal, uma vez que sigo retirando consequências do que escrevi. Produzir artigos para compor uma tese é semelhante ao trabalho analítico, pois vamos dando forma ao que comparece – como no início de uma análise – como um real sem regras. Um conglomerado amorfo de ideias que vão, aos poucos, atraindo-se e tecendo o que afinal compõe a tese.

As reticências não são ingênuas, afinal, nenhuma reticência é ingênuas! O que são as reticências? Quando usá-las? Em que contexto? A sua presença no título levou-me a pesquisar suas origens e eis que me deparo com uma etimologia latina para os três pontinhos, que significa algo implícito, sem perder de vista que, além de apontarem para uma interrupção da frase, transmitem sentimentos: surpresas, dúvidas, suspense... Elas animam um texto! Eis o que interessa nestes pontinhos: a arte da vivificação que, no nosso *affaire*, tem como caminho privilegiado a experiência analítica.

A decisão de adotar como bússola para esta tese a minha experiência de 30 anos de análise não foi fácil, mas decidida. Vislumbrei que somente por esta via poderia alcançar o objetivo da tese que é demonstrar que o analista não advém de um outro analista, mas de uma análise, sendo esta também a via régia para se formar analista e, conseqüentemente, transmitir a psicanálise. Dito de outro modo, demonstrar que na psicanálise de orientação freudiana e lacaniana, a formação do psicanalista advém, prioritariamente, de sua experiência como analisante, pois nesta experiência as formações do inconsciente, os dejetos, nos salvam do pior.

O percurso no Doutorado foi de cinco anos, pois com a contingência da pandemia, a Universidade Federal da Bahia nos concedeu mais um ano de pesquisa, haja vista os impedimentos que a imposição do distanciamento entre os corpos provocou para o trabalho de pesquisa. Durante este período deslizei entre muitos mundos, em um puro estado de divisão. Destaco alguns destes mundos para os quais fui levada de modo contingencial, mas não sem o impulso do desejo.

No final de 2019, candidatei-me para uma bolsa de Doutorado-Sanduiche na Universidade de Paris 8, tendo o resultado deste processo saído em fevereiro de

2020. Ocorreu que, em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde declarou uma pandemia provocada pelo Corona Vírus, o que atingiu a vida de todos nós e, sobretudo, os meus planos de viagem. A partir daí enfrentei uma sequência de dificuldades e contingências que só fortalecerem meu desejo de pesquisa e intercâmbio em um outro país. Ao definir a data de minha viagem para janeiro de 2021, fui surpreendida, em dezembro de 2020, com a nomeação como Analista da Escola pela Escola Brasileira de Psicanálise o que me levou a escrever testemunhos para transmitir o que havia aprendido com minha experiência para outros, a partir de abril de 2021, período que se estende até dezembro de 2023. Ao tempo em que pesquisava sobre a dimensão da temporalidade na experiência analítica e sua relação com ao sintoma, avançava na escrita sobre o dispositivo do Passe, seu ensinamento e a relação com a Escola de Psicanálise. Ao retornar ao Brasil e compartilhar com a orientadora o material produzido para o passe, decidi, com o irrestrito apoio dela, a mudança de tema que, sem dúvida, movia meu desejo de modo mais decidido que o anterior.

O relato desta sequência de contingências tem por objetivo discorrer sobre um dos temas que a escrita da tese me levou a ter desejo de pesquisar no futuro: a contingência. Modalidade do tempo que, ao ser consentida na vida e no percurso analítico, pode gerar a produção de profícuos trabalhos. No meu caso, se não tivesse buscando sentido para os encontros com o sem sentido do real, minha análise não teria alcançado o fim e, conseqüentemente, não teria o material que deu sustentação à escrita dos artigos que compõem esta tese. A formação e o ensino da psicanálise não se dão sem o consentimento à contingência.

Uma outra vertente que surgiu como tema de pesquisa futura refere-se às invenções que os praticantes da psicanálise tiveram que criar, na era da Covid-19, como recursos para a manutenção de nossa prática de fala em tempos de confinamento. Foi um momento que nos impôs novas reflexões e manejos, pois, para além do livre trânsito, a proliferação do “inimigo” virulento, invisível, poderoso e sem nenhum tipo de pudor nos atingiu naquilo que nos é mais precioso como seres de fala: o laço social.

Como então exercer a *práxis*¹ analítica de fala, sem o modo de laço social convencional, aquele que implica um encontro entre os corpos, lugar do pulsional? O uso da internet e seus aparatos parece ter sido o único recurso do psicanalista em tempos de confinamento. Um verdadeiro *furor* se apoderou da comunidade psicanalítica: diante das imposições virtuais dessa nova era, poderá a psicanálise sobreviver? Quais invenções se fazem necessárias, sem perder os princípios do ato analítico? Para precisar o uso do termo *práxis*, recorro, mais uma vez, à definição dada por Lacan, no *Seminário 11*:

O que é uma *práxis*? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário. Esta definição da *práxis* se estende, portanto, até muito longe. Não vamos, como Diógenes, nos pôr a procurar não um homem, mas nossa psicanálise, em diferentes campos, muito diversificados, da *práxis*. Levamos, de preferência, nossa psicanálise conosco e, imediatamente, ela nos dirige para pontos bem localizados, denomináveis, da *práxis*.

Miller aponta um paradoxo: a tecnologia elabora novos modos de presença (celular, internet, videoconferências) e o contato à distância será multiplicado até a banalização. Mas sessões de análise virtuais poderão substituir as sessões presenciais?

Não. Se ver e se falar, isso não faz uma sessão analítica. Na sessão, dois estão juntos, sincronizados, mas eles não estão lá para se ver, como demonstra o uso do divã. A co-presença em carne e osso é necessária, mesmo que seja para fazer surgir a não relação sexual. Se a gente sabotar o real, o paradoxo desaparece. Todos os modos de presença virtual, mesmo os mais sofisticados, tropeçam nele.²

Miller fornece munição à defesa dos encontros presenciais para a sobrevivência da psicanálise, mas cabe ressaltar que seu texto é de 1999, antes da pandemia que assolou o mundo em 2020. Estela Solano³ caminha na mesma direção:

¹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

² MILLER, Jacques-Alain. *Le divan. XXIe siècle. Demain la mondialisation des divans? Vers le corps portable, entretien, Libération*, 1999. Disponível online. Tradução livre sob minha responsabilidade.

³ SOLANO, Estela. *Sessão on-line? Correio Express*. Revista digital da EBP, n. 17, 11 abr. 2020.

[...] o dispositivo da sessão à distância é relegado à impotência diante do impossível. [...] Guiando-me pela ética das consequências, minha questão concerne ao futuro da psicanálise. Se a fúria cibernética prevalece, eu prefiro ser herética, ou seja, ‘escolher a via por onde tomar a verdade’. É a escolha de não fazer a psicanálise passar à categoria de uma prática qualquer, por ser prática de massa.

Em “Marginália de Milão”⁴, Miller articula o “tempo de duração” de uma análise, o que é durável no tratamento [em francês *cure*], e a sobrevivência da psicanálise: “[...] como fazer para que o final de análise seja durável, como fazer para que a cura seja durável? Evidentemente, damo-nos conta de que a análise dura muito tempo e a cura não dura muito.”

No horizonte desta passagem está a clássica crítica à psicanálise: sua longa duração. Não tem sido este um dos fortes ataques que as TCC e seus adeptos têm feito à psicanálise, visando ao seu fim ou ainda dificultando seu acesso às universidades?

O fim da psicanálise tem sido declarado há décadas e em diversas circunstâncias. Já não podemos, sobretudo na era pandêmica, ter a ilusão de que nos “livraremos” do virtual, o que nos impediria de acompanhar o horizonte de nossa época.⁵ É o desejo do analista a nos manter vivos, prudentes e resistentes, apesar do virtual, como nos adverte Lacan⁶. No *Seminário 11* Lacan diz: O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca.

No primeiro artigo, tratei de transmitir o que foi minha experiência de análise de 30 anos, atravessada pela dimensão da temporalidade. Inspirada por Raul Seixas em Gîtâ, dividi o processo em três etapas: Os fins, os princípios e os meios. A escrita deste artigo desencadeou em mim, mais uma vez, o desejo de pesquisar sobre a noção do tempo e as relações possíveis desta dimensão na formação de sintomas. Não foi fácil fazer escanções em 30 anos de experiência, mas foi um trabalho

⁴ MILLER, Jacques-Alain. Marginália de Milão. Sobre a análise finita e infinita. *Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eólia, n. 10, 1994, p. 190.

⁵ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 322.

⁶ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 17.

fundamental para entender que não podemos determinar cronologicamente de quanto tempo um *parlêtre* necessita para sair da repetição e que o encontro com o analista tem efeitos neste campo.

No segundo artigo centrei-me fundamentalmente na ideia de que não há analistas natos e que, portanto, para que um analisante se torne analista uma análise se faz necessária. Da escritura deste artigo, adveio o anseio de escrever sobre a Escola e a garantia, temas fundamentais para a formação do analista e sobrevivência da psicanálise na cultura.

Por fim no terceiro artigo, ao discorrer sobre os desafios do ensino da psicanálise, conclui que é tarefa de todo aquele que pratica a psicanálise se ocupar de tornar seu ensino menos obscurantista e mais aberto ao diálogo com outros saberes, apesar da impossibilidade que permeia sua transmissão. Ensinar e transmitir se diferenciam pelo grão de singularidade que adicionamos aos ingredientes do ensino, não sendo assim, sinônimos.

Finalizo por aqui minha tese, certa de que me esforcei para o diálogo entre a psicanálise e a universidade e, quem sabe, algo mais ...